

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Os valores-notícia dos assuntos católicos na Rádio Renascença: análise de conteúdo do noticiário das 18 horas.

STACY MARTINS DE SA

RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUBMETIDO COMO REQUISITO PARCIAL PARA
OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM JORNALISMO

Orientador: Professor Carlos Alberto Andrade Ferreira dos Santos

Lisboa, Outubro 2017

Declaração anti plágio

Declaro ser a autora deste trabalho, parte integrante das condições exigidas para a obtenção de grau de Mestre em Jornalismo, que constitui um trabalho original que nunca foi submetido (no seu todo ou em qualquer das partes) a outra instituição de ensino superior para obtenção de grau académico ou qualquer outra habilitação.

Atesto ainda que todas as citações estão devidamente identificadas. Mais acrescento que tenho consciência de que o plágio poderá levar à anulação do trabalho agora apresentado.

Lisboa, 27 de Outubro de 2017

A candidata, _____

Agradecimentos

Ao meu orientador, o professor Carlos Andrade pela disponibilidade que sempre demonstrou, pelo conhecimento que partilhou e por clarificar o caminho, por vezes turvo, das minhas ideias para a concretização deste Relatório.

Ao Dr. Pedro Gil, pela ajuda que prestou na procura de bibliografia sobre a temática jornalismo e religião.

À equipa da Tarde da Rádio Renascença, pela paciência, pela troca de conhecimentos e pelo companheirismo sério ao longo dos três meses de estágio.

Aos entrevistados – António Marujo, Dina Soares, José Pedro Frazão e Pedro Leal – pelo contributo.

Às minhas amigas, Carina e Nídia, pelos 10 anos de amizade contínua, nos bons e maus momentos. *Grazie mille, ragazze! Ci vediamo presto a Roma!*

E como se guarda sempre o melhor para último, agradeço aos meus pais e ao meu irmão.

Ao meu irmão, por me fazer rir, pelo recarregar de baterias e pelas longas conversas sobre tudo e nada, que faziam esquecer os momentos de stress e de maior dúvida.

Aos meus pais, pela força que me transmitiram, pelo apoio incansável que me deram, não só durante a produção do Relatório, mas sempre; e por serem os olhos da experiência, que vêm capacidades que eu ainda não consigo ver em mim mesma, acreditando sempre que eu consigo. *Merci!*

Resumo

O presente Relatório de Estágio traduz-se numa componente obrigatória e essencial para a obtenção do grau de mestre em Jornalismo, pela Escola Superior de Comunicação Social de Lisboa.

Baseado no estágio curricular realizado na Rádio Renascença (RR), em Lisboa, entre os dias 6 de Fevereiro e 13 Maio de 2017, a investigação tem por objectivo perceber que valores-notícia estão associados às notícias de cariz católico, através da análise dos conteúdos noticiosos, da edição radiofónica das 18 horas.

Para que o trabalho fosse o mais completo possível na obtenção de resultados, foram utilizados os seguintes métodos de investigação: a análise documental, a observação participante, a entrevista semidirectiva e a análise de conteúdo do noticiário das 18 horas.

Palavras-Chave: Jornalismo Religioso; Rádio Renascença; Valor-Notícia; Newsmaking; Religião Católica.

Abstract

The internship report that stands before you is a mandatory and central stage into obtaining the master's degree in Journalism, through the Superior School of Social Communication, in Lisbon.

Based on the internship at *Rádio Renascença*, in Lisbon, from February 6 to May 13 of 2017, the main purpose of the analysis is to understand in what contexts religious news, related to catholic news, find their place in the news sphere, through a content analysis.

In order to get successful and complete results throughout the investigation we have used the following research methods: documental analysis; participant-observation, semi directive interviews, and content analysis of the 6pm newscast.

Key-Words: Religious Journalism; *Rádio Renascença*; News Values; Newsmaking; Catholic Religion.

Introdução	8
Capítulo I – Os métodos de investigação	9
1.1 Fonte documental: análise documental.....	9
1.2 Fonte não documental: observação participante.....	10
1.3 Fonte não documental: entrevista semidirectiva.....	10
1.4 Fonte não documental: análise de conteúdo.....	11
Capítulo II – A Rádio Renascença: história de uma emissora assumidamente católica	12
2.1 Da ideia à concretização.....	12
2.2 Uma emissora católica num país em ditadura.....	14
2.3 “Grândola, Vila Morena”.....	15
2.4 Um conflito interno.....	15
2.5 O Grupo Renascença Multimédia ao longo de 80 anos e na actualidade.....	21
Capítulo III – Estado da Arte – A produção noticiosa	22
3.1 A noticiabilidade e os valores-notícia.....	23
3.1.1 Os valores-notícia de Fernando Correia (baseados na classificação de Mauro Wolf).....	24
3.1.2 Os valores-notícia de Pamela J. Shoemaker e Stephen D. Reese.....	25
3.1.3 Outros critérios de decisão jornalística: os materiais, o produto informativo e o equilíbrio.....	26
3.2 Condicionantes da produção noticiosa.....	27
3.2.1 A teoria organizacional de Warren Breed (citado por Traquina)	27
3.2.2 O mercado e a concorrência.....	28
3.2.3 Consequências dos constrangimentos: o critério do Conflito e o Sensacionalismo.....	29
3.3 Jornalismo especializado: panorama do jornalismo religioso em Portugal.....	29
3.3.1 A negatividade: o critério predominante.....	31
3.3.2 A notícia religiosa: um produto que “vende”.....	32
3.3.3 O problema do jornalismo é o problema da Igreja e vice-versa.....	33
Capítulo IV – Estudo de Caso – Os valores-notícia dos assuntos católicos na Rádio Renascença: análise de conteúdo do noticiário das 18 horas	34
4.1 Descrição da análise.....	34
4.2 Resultados da análise.....	37
Capítulo V – Rádio Renascença – o primeiro contacto com o mundo do jornalismo	40
5.1 O universo temático que definiu o meio.....	41

5.2 As primeiras impressões nas instalações labiríntica do Grupo Renascença Multimédia.....	42
5.3 Buraca, 6 de Fevereiro de 2017.....	43
5.4 Uma observação também participante.....	44
5.5 “É sempre para a hora seguinte”.....	46
5.6 A rádio e os problemas actuais do jornalismo.....	47
Conclusão.....	51
Bibliografia.....	53
Anexos.....	56
1. Pen dos noticiários analisados.....	57
2. Entrevistas.....	58
Pedro Leal.....	58
Dina Soares.....	65
António Marujo.....	68
José Pedro Frazão.....	78
3. Índice de figuras.....	82
4. Tabelas detalhadas das notícias analisadas.....	83
5. Exemplo de guião de noticiário.....	86
6. Captura de ecrã de picos de audiência da Rádio Renascença, nos dois últimos meses do ano de 2016.....	87
7. Certificado do estágio curricular.....	88
8. Protocolo de Estágio celebrado entre a Rádio Renascença e a Escola Superior de Comunicação Social de Lisboa.....	89

Introdução.

“A notícia religiosa é importante, assim como é importante a religião. Destina-se, no entanto, a ocupar espaço e atenção. Tem pelo menos o mesmo relevo e a mesma frequência das notícias científicas. Mas, dado que os líderes religiosos estendem, inevitavelmente, a sua atenção ao campo social e também ao preconceito da acção, é forçoso que a notícia religiosa se revista também de um carácter político e que surja – se não misturada – lado a lado com as declarações de outros líderes e as posições de grupos não religiosos.” (Colombo: 1998, p.112).

A ideia de Furio Colombo expressa o valor e a visibilidade que a notícia religiosa tem no espaço da informação jornalística. Em contrapartida, também deixa a descoberto a dificuldade que as notícias relativas a essa temática têm em falar por elas próprias, ao serem influenciadas por grupos exteriores ao mundo da religião. O espaço que ocupam é, portanto, ditado por e partilhado com outros acontecimentos da vida social, sendo ignorados aqueles que lhes são próprios.

Seguindo o raciocínio do autor italiano, o presente Relatório foca-se na intenção de perceber em que circunstâncias os assuntos católicos encontram o seu espaço na esfera mediática, numa rádio confessional. O objectivo passa por fazer um levantamento dos valores-notícia associados a esses assuntos em específico, através da análise de conteúdo dos noticiários das 18 horas da Rádio Renascença, no período compreendido entre o dia 6 de Março e 12 de Maio de 2017.

Na fase de produção, o *corpus* do trabalho encontra-se organizado em cinco grandes capítulos, distribuídos da seguinte forma: o primeiro capítulo, inicia o Relatório com a descrição das metodologias de investigação utilizadas na elaboração deste trabalho; os dois capítulos seguintes compõem a parte teórica do trabalho, onde se expõe a história da empresa onde foi realizado o estágio – neste caso, a Rádio Renascença – e o Estado da Arte, que contextualiza, enquadra e resume as ideias e os conceitos mais importantes sobre o tema em específico.

Os dois restantes capítulos constroem a parte prática do trabalho, com o Estudo de Caso, onde se faz uma descrição da análise e se expõe os resultados obtidos no decorrer da investigação; e a experiência de estágio na Rádio Renascença, que trata da descrição e análise crítica do estágio curricular realizado.

No final, seguem-se as devidas conclusões.

Capítulo I – Os métodos de investigação.

Para a produção do presente Relatório, foram utilizados quatro métodos investigativos que podem ser divididos em dois grupos: as fontes documentais e as fontes não documentais.

Nas fontes documentais, recorreu-se à análise documental; e nas fontes não documentais, recorreu-se à observação-participante, à entrevista semidirectiva e à análise de conteúdo.

A aplicabilidade dos quatro métodos foi variando consoante as diferentes fases de investigação, pelo que se segue uma breve explicação das escolhas metodológicas efectuadas ao longo do trabalho.

1.1 Fonte documental: análise documental.

A análise documental foi utilizada na fase exploratória de investigação, importante para conhecer, analisar e comparar informação que já existia relativamente ao objecto de estudo.

Numa selecção bibliográfica cuidada, tendo presente o objectivo essencial deste trabalho, foram utilizados documentos na sua maioria escritos, como obras, artigos e notícias, que permitiram elaborar nomeadamente as partes teóricas do trabalho – a história do local de estágio e o Estado da Arte. Os trabalhos académicos também foram considerados e serviram de modelo e exemplo na estrutura do Relatório.

Foi, portanto, feita uma pesquisa essencialmente bibliográfica, caracterizada como um modelo “de estudo e análise de documentos de domínio científico tais como livros, periódicos, enciclopédias, ensaios críticos, dicionários e artigos científicos” (Sá-Silva, Almeida & Guindani: 2009, p.5).

A utilização de fontes secundárias permitiu clarificar e aprofundar conceitos e contextualizar informação relativa ao tema, que foi resumida e sistematizada sob a forma de fichas de leitura.

Tal possibilitou cruzar e contrapor ideias de vários autores e “explorar as ligações existentes entre os vários itens, tentando estabelecer relações e associações” (Sá-Silva,

Almeida & Guindani: 2009, p.13), procurando um panorama dinâmico e abrangente do objecto de estudo.

1.2 Fonte não documental: observação-participante.

O método da observação-participante foi aplicado durante a fase prática da investigação. Sendo o estágio curricular parte integrante no modelo de trabalho final escolhido, esta técnica de investigação teve tanto de fundamental como de obrigatória.

A observação participante permitiu não só observar as formas de fazer e o contacto directo com os jornalistas, com o espaço e com os materiais, como possibilitou também a aplicação e o desenvolvimento de capacidades práticas e teóricas adquiridas ao longo do curso de Mestrado.

Ainda que tivesse começado o estágio com um tema já escolhido, a verdade é que o confronto diário com o trabalho na Rádio Renascença levou ao surgimento de novas questões e ideias, tendo, por isso, redefinido o ângulo de abordagem do objecto de estudo. A observação participante permitiu, portanto, “la redefinición y la reorientación de la investigación durante el proceso de obtención de datos” (Gaitán Moya & L.Piñuel Raigada: 1998, p. 86).

1.3 Fonte não documental: entrevista semidirectiva.

“Na entrevista de investigação, o que está em jogo não é uma intenção de mudança, mas um desejo de conhecimentos” (Albarello et al: 1997, p.93).

Tendo sido confrontada com problemas na obtenção de dados, na fase exploratória, relativamente à temática de jornalismo e religião, a entrevista revelou-se importante para obter dados sobre esse mesmo universo. O método também serviu para recolher informação relativamente aos problemas do jornalismo, de forma geral, e ao tratamento da informação religiosa na emissora.

As questões aos entrevistados foram variando consoante a posição das pessoas face à Rádio Renascença, pelo que o guião fixado por mim foi sofrendo alterações de acordo com a pessoa que iria entrevistar – “ [...] presente na fase exploratória da generalidade das investigações” (Albarello et al: 1997, p.84). As entrevistas de carácter semidirectivas tiveram o intuito de recolher mais informação sobre o panorama do

jornalismo religioso, em Portugal, e conhecer a posição de alguns jornalistas da estação sobre a rádio e na influência que o seu alinhamento tem no tratamento da informação.

Entre os quadros da Rádio Renascença, foram entrevistados os jornalistas Pedro Leal, Dina Soares e José Pedro Frazão; e para um olhar exterior à estação, foi entrevistado o jornalista António Marujo, reconhecido especialista em assuntos religiosos.

1.4 Fonte não documental: análise de conteúdo.

Visto ser nosso objectivo fazer um levantamento dos valores-notícia associados aos assuntos católicos da Rádio Renascença, foi necessário proceder à análise de conteúdo das notícias. Devido à considerável quantidade de informação dada em cada noticiário, foi afinada a amostra e analisado o conteúdo da edição das 18 horas, unicamente. A análise ocorreu entre os dias 6 de Março e 12 de Maio de 2017.

Partindo do princípio que a “classificação, a categorização, é uma tarefa que [é] realiza[da] quotidianamente com vista a reduzir a complexidade do meio ambiente, estabilizá-lo, identificá-lo, ordená-lo ou atribuir-lhe sentido” (Silva & Pinto: 1986, p. 110), foram divididas as notícias consoante a sua temática, posição geográfica e valores-notícia associados.

“As categorias são os elementos chave do código do analista” (Silva & Pinto: 1986, p. 110), mas é preciso realçar que “é a sensibilidade do investigador que orienta a selecção a realizar” (Silva & Pinto: 1986, p. 110), pelo que a subjectividade está presente em cada escolha feita, seja ela consciente ou inconscientemente. Perante esta realidade, a classificação dos valores-notícia dos assuntos católicos foi realizada tendo por base os estipulados pelos autores Pamela J. Shoemaker e Stephen D. Reese.

Capítulo II – A Rádio Renascença: história de uma emissora assumidamente católica.

“No dia 10 de Abril de 1937 foram aprovadas oficialmente as bases reguladoras da organização da Rádio Renascença, emissora católica portuguesa. O que começou por ser um sonho de um sacerdote, o Monsenhor Lopes da Cruz, rapidamente ganhou o apoio incondicional da Igreja, na pessoa do cardeal Cerejeira. E ao longo dos últimos 80 anos, a Rádio Renascença marcou a vida de milhões de portugueses que lhe tem dado uma audiência capaz, não só dos primeiros lugares, mas também de assumir a categoria de referência, quando se jogam valores fundamentais como a verdade, o rigor e a seriedade, sempre consciente da sua identidade [...]”¹. (Excerto da abertura do noticiário da Rádio Renascença, transmitido a 10 de Abril de 2017, pelos 80 anos da estação).

2.1 Da ideia à concretização.

Com o sucesso radiofónico a ecoar no mundo e em Portugal, especialmente a partir de meados dos anos 20, e depois do aparecimento da Emissora Nacional e do Rádio Clube Português, surgiu no país a vontade de criar uma rádio católica (Ribeiro: 2002, p.19). Os pioneiros foram os padres Magalhães Costa e Domingos Bastos, que, receptivos e conscientes dos benefícios que este recente meio de comunicação social oferecia, viam-no como veículo importante para “o campo da evangelização” (Ribeiro: 2002, p.19).

O projecto não recebeu atenção imediata e acabou por cair no esquecimento. Só a partir de 1933, com um artigo de Zuzarte de Mendonça, é que o conceito foi reavivado. O texto, publicado na revista *Renascença*, voltava a falar na criação de uma emissora católica e no quão importante ela seria para os católicos “fazerem ouvir a sua voz” (Ribeiro: 2002, pp.19,20).

Também o Padre Lopes da Cruz foi publicando ao longo de seis anos, na mesma revista, artigos “com o objectivo de tornar possível o nascimento de uma emissora da Igreja” (Ribeiro: 2002, p.20). A ideia contou, ainda, com o apoio da Igreja. O então Cardeal-Patriarca de Lisboa, D. Manuel Cerejeira, “deu o seu apoio à campanha de recolha de donativos” que chegavam de todo o país, sendo também claro o envolvimento dos católicos da criação da Rádio Renascença (Ribeiro: 2002, p.21).

No desenvolvimento do projecto, e relativamente aos conteúdos programáticos, a emissora não se limitaria aos assuntos de cariz religioso, mas deveria, sim, abarcar todo

¹ A abertura pode ser consultada na íntegra no CD anexo ao presente Relatório.

um conjunto de assuntos, desde a arte, passando pela ciência, até à literatura, tendo sempre presentes, no entanto, os valores católicos (Ribeiro: 2002, p.21).

Delineado o objectivo principal de missão de evangelização, em 1937 foram para o ar as primeiras emissões oficiais a nível nacional e, em menor escala, a nível internacional (Ribeiro:2002, p.22). Um ano mais tarde, a 10 de Abril de 1938, a Rádio Renascença passaria a ser reconhecida oficialmente como “organismo da Acção Católica” (Ribeiro: 2002, p.23), depois de serem aprovadas as Bases Reguladoras da Organização e Actividade da Rádio (Rocha & Cunha: 2017)².

No entanto, em 1939, eclodiu a II Guerra Mundial e o país enfrentou sérias dificuldades financeiras, que debilitaram vários sectores de actividade.

Ainda a dar os primeiros passos, a Rádio Renascença foi afectada e os problemas financeiros da emissora acabariam por ser remediados com novas doações e campanhas, o que tornou possível a criação e inauguração da emissora do Porto, em 1941 (Ribeiro: 2002, p. 24). No ano seguinte, em 1942, dá-se um momento marcante e histórico para a Igreja portuguesa e para a própria emissora: é transmitida pela primeira vez, em Portugal, uma mensagem por radiodifusão, do Papa de então, Pio XII, para comemorar os 25 anos das aparições de Fátima (Ribeiro: 2002, p.24).

Ainda que tivesse apoios financeiros, a emissora não deixava de ser um meio com recursos limitados, que se evidenciavam pelo reduzido número de horas no ar, iniciando “as suas emissões ao final da tarde” (Ribeiro: 2002, p.25).

No entanto, a partir dos anos 50, os primeiros anos são “marcados por um alargamento do período de emissão” (Ribeiro: 2002, p.27), e por uma tentativa de criar programas cada vez mais inovadores.

No final da década de 50, a estação cria o programa “Diário do Ar”, que traz a produção de emissões à rua, numa tentativa de cobrir acontecimentos merecedores de espaço informativo, num tempo em que “só era possível obter informação através da imprensa” (Ribeiro: 2002, p. 28).

² Informação disponível em http://rr.sapo.pt/especial/80687/renascenca_a_historia_de_80_anos_de_radio

2.2 Uma emissora católica num país em ditadura.

Quando a Rádio Renascença começou a transmitir oficialmente em 1937, já o país estava sob influência do regime totalitário de Salazar. Tal como afirma a autora Dina Cristo, “[o]poder mantinha a informação devidamente controlada através da censura radiofónica” (2005, p. 81).

No entanto, contrariamente à imprensa, a censura radiofónica continha características específicas, causa das especificidades que ela continha (Cristo: 2005, p.88).

Para controlar o meio rádio, em Portugal, eram mobilizados junto das estações emissoras, os Delegados do Governo, que, no entanto, eram humanamente incapazes de ouvir programas de rádio em continuidade durante 24 horas seguidas (Cristo: 2005, pp.88, 89). Para garantir o controlo sobre os trabalhos jornalísticos, as tarefas eram distribuídas pelos responsáveis das estações que acabavam por aplicar uma forma de “censura doméstica” (Cristo: 2005, p.89), variante da censura oficial; ou seja, eram feitas negociações entre os responsáveis e os jornalistas, no que diz respeito ao planeamento dos programas. O ambiente era, portanto, pautado por uma proximidade e compreensão de parte a parte, como sublinha a autora (2005, p.89).

Os jornalistas encontravam, no entanto, formas mais eficazes de fugir ao sistema de censura. Os directos eram uma escapatória, bem como a imprevisibilidade dos acontecimentos (Cristo: 2005, p.89); e os truques de linguagem também eram uma estratégia adoptada pelos jornalistas mais experientes (Cristo: 2005, p.90).

À margem do objecto directo do nosso estudo, vale a pena sublinhar que uma outra forma de fuga ao controlo da informação foi a criação das rádios clandestinas, que transmitiam informação não censurada e crítica do regime vigente, ao contrário das rádios sediadas em território nacional (Cristo: 2005, p. 91). Essas emissoras clandestinas assumiram especial importância no período da Guerra Colonial, que eclodiu em Angola, agitando o panorama radiofónico (Cristo: 2005, p.91).

Portanto, a rádio era usada como arma de propaganda, tanto por parte da oposição, como do Governo. Em tempos de espionagem, as Forças Armadas e até a Emissora Nacional vigiavam emissoras que se opusessem ao regime ditatorial; no lado oposto, as rádios clandestinas também estavam atentas “à emissora oficial [Emissora Nacional] do

antigo regime” (Cristo: 2005, p.92). Nesses tempos, o Governo espiava a oposição e as suas actividades anti-regime e pró-democráticas e a oposição as actividades do próprio Governo (Cristo: 2005, p.92).

Com a crescente instabilidade na vida do País (Ribeiro: 2002, p.37), o Governo viu-se obrigado a apertar a vigilância sobre os órgãos de comunicação social – e a Rádio Renascença não foi excepção. A censura acabou por se instalar oficialmente na emissora católica, poucos dias antes do 25 de Abril, com a nomeação de dois censores pelo Governo (Ribeiro: 2002, p.37,38). O objectivo era evidente: controlar os noticiários (Ribeiro: 2002, p.37).

2.3 “Grândola, Vila Morena”.

No entanto, o controlo da Censura na Rádio Renascença não durou muito tempo, pois a 25 de Abril de 1974 deu-se a revolução que fez cair o regime de ditadura, instaurando-se a democracia.

Neste momento importante da história de Portugal, a Rádio Renascença teve um papel marcante, pois foi com a transmissão da segunda senha (a composição musical “Grândola, Vila Morena”, de José Afonso, no programa “Limite”), que na Rádio foi dado o sinal que manteve a marcha do Movimento das Forças Armadas (Ribeiro: 2002, p.39).

2.4 Um conflito interno.

Ainda que o dia da Revolução tenha decorrido com “uma certa normalidade na Rádio Renascença” (Ribeiro: 2002, p.40), o panorama traçado pelo autor Nelson Ribeiro, em *A Rádio Renascença e o 25 de Abril*, revela que o período pós 25 de Abril trouxe dificuldades à vida da emissora, decorrentes de um conflito entre trabalhadores e entidade patronal, como se vai expor a seguir.

Tal conflito surgiu, num primeiro momento, com divergências na cobertura da chegada dos exilados políticos Mário Soares e Álvaro Cunhal: os jornalistas queriam fazer reportagens sobre o assunto, mas a Gerência da estação considerava que noticiar brevemente o acontecimento seria o suficiente (Ribeiro: 2002, p.40).

Por isso, “a Rádio Renascença foi o primeiro órgão de comunicação social a paralisar” (Ribeiro: 2002, p.40), em que eclodiu uma greve de funcionários – maioritariamente

noticiaristas –, como forma de protesto nos dias seguintes à Revolução (Ribeiro: 2002, p.40).

A pedido do Movimento das Forças Armadas, e por forma a garantir o normal funcionamento da emissora, os trabalhadores reuniram-se em assembleia, tendo sido deliberado que a gestão da Rádio Renascença ficaria a cargo dos funcionários afectos à área da informação (Ribeiro: 2002, p.42). Para oficializar essa medida, foi apresentado um protocolo ao Patriarcado de Lisboa, por um grupo de trabalhadores, de onde ressaltaram três vontades fundamentais: a divisão da Rádio Renascença em duas empresas – Estação Emissora Rádio Renascença – Emissora Católica Portuguesa e Sociedade Rádio Renascença Limitada (RR, Lda.); a autogestão e co-gestão; e participação dos trabalhadores nos lucros da SRR, Lda. (Ribeiro: 2002, pp. 43, 44).

Embora, como indica o mesmo autor, o Protocolo tenha sido aceite pelo Patriarcado de Lisboa (2002: p.44), surgiram problemas, logo a seguir, de carácter vincadamente laboral, com a dispensa e demissão de jornalistas (2002: p.47). Para responder à situação, o Patriarcado criou um Conselho de Gerência, destinado a gerir a rádio em colaboração com os trabalhadores (Ribeiro: 2002, p.51).

Nesse contexto, foi considerada prioritária a contratação de mais profissionais, para fazer face às duas rádios concorrentes – Emissora Nacional e Rádio Clube Português – “no que se refere à cobertura informativa” (Ribeiro: 2002, pp. 51,52). As contratações seriam feitas tendo por base condições específicas, nomeadamente para os estagiários, o que acabou por não acontecer (Ribeiro: 2002, p.52).

Face à decisão dos estagiários de não respeitarem as condições definidas, os gerentes tomaram a decisão de rescindir os contratos, o que contrariava a vontade dos trabalhadores, por considerarem que tal implicaria a paralisação de vários sectores da emissora (Ribeiro: 2002, p.52,53) – foi o segundo momento de conflito na Rádio Renascença, depois do 25 de Abril.

Assim, em Fevereiro de 1975, os trabalhadores ameaçaram fazer greve, caso os despedimentos não fossem anulados (Ribeiro: 2002, p.59). Em resposta, a entidade patronal publicou um opúsculo, onde reafirmava o seu papel na emissora, incluindo o controlo da programação associada à contratação de funcionários, e reafirmando fidelidade à linha editorial da estação (Ribeiro: 2002, p.59,60).

Para afastar os rumores de um conflito religioso, devido à posição da Gerência, os trabalhadores emitiram um comunicado, garantindo que na base da discórdia entre as duas partes estava uma questão laboral e que o trabalho desenvolvido, até então, tinha tido sempre em conta os valores católicos (Ribeiro: 2002, p.60).

Gerou-se um impasse, que, pouco depois, no dia 19 de Fevereiro de 1975, conduziu a uma paralisação de trabalho, com a ocupação dos estúdios situados no edifício da Rua Capelo e do Centro Emissor da Buraca, e o abandono da transmissão de programas (Ribeiro: 2002, p.61). Os grevistas puderam contar com o apoio de partidos políticos, órgãos de comunicação social e grupos sindicais, mas também com sectores da Liga Operária Católica e activistas do movimento Cristãos pelo Socialismo (Ribeiro: 2002, p.61).

Seguindo de perto o mesmo autor, a Gerência contou sempre com o apoio do Patriarcado de Lisboa e da Conferência Episcopal Portuguesa, e também com trabalhadores da emissora – que se opunham às formas de luta; do Conselho de Gestão e ainda de muitos católicos anónimos (2002, p.62).

Surgiu, então, um abaixo-assinado de apoio ao Conselho de Gerência da Rádio Renascença, no qual “os signatários denunciavam as manobras políticas que tinham como objectivo, retirar a RR do controlo da Igreja” (Ribeiro:2002, p. 62), dando a entender, mais uma vez, que o conflito ia para além de questões meramente laborais.

Foi com base no argumento de que o conflito envolvia uma questão religiosa, que a entidade patronal considerou ilegal a greve dos trabalhadores, acrescentando que a paralisação impedia “os trabalhadores não grevistas de exercerem as suas funções” (Ribeiro: 2002, p.63).

Com efeito, alguns trabalhadores opunham-se à luta, não reconhecendo nem a legitimidade da greve, nem a Comissão Coordenadora de Trabalhadores que havia sido criada (Ribeiro: 2002, p.64).

Ainda que permanecesse o conflito, as emissões acabaram por ser retomadas a 11 de Março de 1975, data do golpe a que ficou associado o general António de Spínola (Ribeiro: 2002, p. 66).

Permanecendo o impasse nas negociações, o Governo nomeou, a 21 de Março desse ano, uma Comissão Mista, para gerir a estação (Ribeiro: 2002, p.67).

Além de se responsabilizar pelo normal funcionamento da emissora e de assegurar que se manteria a orientação católica, a Comissão Mista também tinha como missão a mediação do conflito, para tentar resolvê-lo (Ribeiro: 2002, p.67,68).

Porém, argumentando a ilegalidade da Comissão Mista, o Conselho de Gerência não a reconheceu (Ribeiro: 2002, p.68); na mesma linha, a Conferência Episcopal, também considerava que a Comissão Mista retirava poder à Igreja (Ribeiro: 2002, p.68).

Mais uma vez, e seguindo de perto o autor citado, quando o IV Governo Provisório mostrou interesse em criar uma empresa pública de radiodifusão, onde estaria incluída a Rádio Renascença, a Igreja viu o seu papel junto da emissora ainda mais ameaçado (Ribeiro: 2002, p.69).

Para explicar a sua intenção, o ministro da Comunicação Social argumentava que a rádio é “um bem público, pelo facto de ser limitad[a] e assumir uma natureza colectiva” (Ribeiro:2002, p. 70), posição que não foi aceite pelo Conselho de Gerência, pelo Patriarcado de Lisboa e pela Conferência Episcopal, ainda de acordo com o mesmo autor (2002, p.70).

Sem fim à vista, o conflito, em que se tornara parte o Governo, desembocou na ocupação pelos noticiaristas dos estúdios da Rádio e do Centro Emissor da Buraca, em finais de Maio de 1975; as emissões continuaram a ser garantidas a partir dos estúdios do Porto e de um estúdio improvisado pelos trabalhadores que se opunham à ocupação, no Largo da Biblioteca Pública, em Lisboa (Ribeiro: 2002, pp. 73,74).

Neste quadro, foi convocada uma manifestação favorável aos ocupantes, em meados de Junho, em frente ao Patriarcado de Lisboa, pelos “sindicatos ligados à informação e representativos de vários sectores” (Ribeiro: 2002, p.83). No lado oposto, “a Igreja procurou responder ao enunciado protesto com uma contramanifestação” (Ribeiro: 2002, p.85), também em frente ao Patriarcado, no mesmo dia. O choque entre as duas partes acabou por se revestir de contornos violentos (Ribeiro: 2002, p.85,86).

Perante o sucedido, “o Conselho de Gerência endureceu a sua posição face à ocupação que se vivia na Emissora Católica” (Ribeiro: 2002, p.89); e a Comissão Mista acabou por ser dissolvida (Ribeiro: 2002, p.92).

Face às proporções do caso, “o Conselho de Ministros aprova a devolução da Renascença aos proprietários” (Ribeiro: 2002, p.94), comunicando-a aos ocupantes, juntamente com a promessa de novos postos de trabalho (Ribeiro: 2002, pp.94,95).

A decisão não convenceu os trabalhadores e valeu a reacção “de organizações políticas e grupos de trabalhadores” (Ribeiro: 2002, p.95), contra a decisão do Governo; o apoio aos ocupantes manifestou-se, com “centenas de pessoas afectas a movimentos e partidos políticos de extrema-esquerda” (Ribeiro: 2002, p.95).

Sem devolução do controlo da emissora à Igreja, e mantendo-se a intenção de nacionalizar a Rádio Renascença, o Governo nomeou uma Comissão Administrativa para gerir a estação, até que a mencionada nacionalização fosse oficializada (Ribeiro: 2002, p.97).

Estávamos no chamado “Verão Quente de 75”, e os meses de Julho e Agosto ficaram marcados por protestos de católicos em várias cidades do país, em defesa do Episcopado e da emissora (Ribeiro: 2002, p.99).

Em Setembro, tomou posse o VI Governo Provisório e o Conselho de Gerência pediu ao Governo que tomasse uma atitude em relação ao caso Rádio Renascença (Ribeiro: 2002, p.105).

No final do mês, forças militares ocuparam os estúdios da Rádio Renascença, “o que motivou um protesto da parte dos ocupantes e de grupos da extrema-esquerda [...] [que] [e]xigiam a desocupação das emissoras” (Ribeiro: 2002, p.106).

Em Outubro de 1975, os oficiais do exército, que vigiavam em permanência o Centro Emissor da Buraca, para impedir que voltasse a ser tomado pelos ocupantes, selaram o local, obedecendo a ordens do Presidente da República, por se ter tornado difícil a permanência da autoridade militar que, ora era ameaçada, ora acabava por “aderir à causa dos ocupantes” (Ribeiro: 2002, p.107). Em resposta, os trabalhadores violaram os selos e, após a reparação dos emissores, retomaram as emissões, contrariando a decisão do Governo (Ribeiro: 2002, p.109).

Perante os protestos da Gerência de que a autoridade do Estado havia sido posta em causa, uma reunião do Conselho de Ministros com o Conselho da Revolução conduziu à decisão de “silenciar, de forma definitiva, a voz dos estúdios de Lisboa, através da colocação de explosivos nos emissores da Buraca” (Ribeiro: 2002, pp.110,111).

Esta medida suscitou reacções de várias partes, a começar pelo Presidente da República, incluindo operacionais militares e policiais, vários partidos políticos, e o próprio Conselho de Gerência – à condenação das explosões, responderam os ocupantes com a determinação de continuar a luta (Ribeiro: 2002, pp. 112 – 114).

Depois de o ministro da Comunicação Social ter proposto uma parceria entre o Estado e a Igreja, ao que o Conselho de Gerência e o Patriarcado de Lisboa se opuseram (Ribeiro: 2002, p.116), o Cardeal-Patriarca enviou ao Governo uma carta, apontando duas grandes razões para a não nacionalização da Rádio Renascença: antes de mais, evocava a Concordata, onde se reconhece o direito de comunicação dos católicos, recorrendo aos meios de comunicação social; depois, afirmava que a nacionalização significaria “abrir caminho para a existência de um monopólio de informação” no país (Ribeiro: 2002, p. 117).

Pelo menos parcialmente, o Governo aceitou os argumentos do Patriarca, decidindo excluir a Rádio Renascença do grupo das rádios nacionalizadas e justificando a decisão com a Concordata celebrada entre o Estado e a Santa Sé (Ribeiro: 2002, p.117). Deste modo, o dia 28 de Dezembro de 1975, com a passagem do controlo dos estúdios e do centro de emissão para as mãos dos representantes da Igreja, marca o reconhecimento da autoridade eclesiástica como única responsável pela gestão da Rádio Renascença (Ribeiro: 2002, p.119).

Quanto aos ocupantes, que nunca deram a luta por terminada e que em comunicado criticaram a decisão do Governo, acabaram por ser despedidos. O Conselho de Gerência considerou que os trabalhadores haviam violado o contrato de trabalho celebrado com a empresa (Ribeiro: 2002, p119).

2.5 O Grupo Renascença Multimédia ao longo de 80 anos e na actualidade.

Pelo exposto, o Grupo Renascença Multimédia conta hoje com dois grandes accionistas da hierarquia da Igreja Católica: o Patriarcado de Lisboa, que detém 60% do capital; e a Conferência Episcopal Portuguesa, que controla os restantes 40%³.

Ainda que o projecto tenha sido criado tendo em vista uma audiência específica, a história e a evolução da Rádio Renascença demonstram que havia uma vontade de a fazer chegar a outros públicos.

Ao longo de 80 anos – celebrados a 10 de Abril deste ano – o grupo expandiu-se e hoje, além da Rádio Renascença, três outras estações fazem parte do Grupo: a Rádio FM (RFM) e a Mega Hits, maioritariamente orientadas para um público mais jovem; e a Rádio Sim, voltada para o público sénior (Rocha & Cunha: 2017)⁴.

A própria Rádio Renascença rapidamente se transformou numa emissora generalista, com conteúdos informativos e programas cada vez mais centrados nas mais variadas vertentes da actualidade, até pelo facto de o acompanhamento regular dos assuntos religioso feito pela emissora católica não impedir o acompanhamento do resto da informação, como afirma Dina Soares, jornalista da estação:

“O facto de acompanharmos os assuntos religiosos não nos inibe de acompanhar todos os outros assuntos. Os assuntos religiosos têm mais peso do que noutros órgãos de comunicação social, têm uma presença maior, mas isso não prejudica, digamos, o resto da actualidade, o resto dos acontecimentos, nacionais, internacionais, desportivos; [os acontecimentos] estão aqui como estão em todas as outras rádios; os temas religiosos não substituem o resto da informação⁵”.

Pedro Leal, director-geral de Produção da Rádio Renascença, reconhece que o “elemento fundacional é o cariz religioso”, mas sublinha que a herança também previa que fossem, no universo de órgãos de comunicação social, “iguais aos outros”, dando espaço e tempo ao resto da informação⁶. Pensamento idêntico tem José Pedro Frazão, quando questionado sobre o mesmo assunto. O editor da Tarde da Rádio Renascença diz que há equilíbrio entre a informação religiosa e o resto da actualidade e acrescenta que esses dois campos não devem estar isolados: “Acho que sim, embora até pudesse

³ Informação disponível em <http://rr.sapo.pt/transparencia>

⁴ Informação disponível em http://rr.sapo.pt/especial/80687/renascenca_a_historia_de_80_anos_de_radio

⁵ Dina Soares, em entrevista anexa a este Relatório.

⁶ Pedro Leal, em entrevista anexa a este Relatório.

haver mais interligação da informação de natureza religiosa com as tais outras temáticas⁷”.

De acordo com os resultados da 3ª vaga de 2017, publicados pela Marktest, no Bareme Rádio, o Grupo Renascença Multimédia lidera as audiências em Portugal⁸. Todavia, ainda haverá aspectos para melhorar, na consolidação da liderança, conforme afirma José Pedro Frazão:

“Na minha opinião, a RR pode aproximar-se mais das pessoas, surpreendendo os portugueses no seu quotidiano e consolidando o seu papel de referência na comunicação social em Portugal. Na minha opinião, isso passa por opções corajosas, solidárias e sustentáveis, baseadas numa nova exigência interna e externa. Penso que em certa medida a RR está a tentar fazer este caminho, do qual não pode sair por se encontrar apenas no início do mesmo⁹”.

Capítulo III – Estado da Arte – A produção noticiosa.

“Eu costumo dizer que o jornalista é a melhor profissão do mundo, em que não há chefes. Quer dizer há os chefes administrativos entre aspas, editoriais, mas eu sou o chefe de mim mesmo. Eu tenho que decidir todo o dia que caminho faço: esta notícia ou aquela? Sigo por acolá ou por acolá? Pela esquerda ou pela direita? Por cima ou por baixo? Consigo confirmar ou não consigo? Ou seja é um trabalho muito individual neste aspecto¹⁰”.

Tal como afirma Pedro Leal, o jornalista é confrontado diariamente com decisões sobre que notícia escolher e o caminho a percorrer durante o processo de produção.

Nos estudos académicos, o jornalista é tido como o *gatekeeper*, termo que se refere “à pessoa que toma uma decisão numa sequência de decisões” (Traquina: 2001, p. 68).

Sobre esta questão, o mesmo autor sublinha o seguinte:

“Nesta teoria, o processo de produção da informação é concebido como uma série de escolhas onde o fluxo de notícias tem de passar por diversos *gates*, isto é, ‘portões’, que não são mais do que áreas de decisão em relação às quais o jornalista, isto é, o *gatekeeper*, tem de decidir se vai escolher essa notícia ou não” (2001, p.69).

⁷ José Pedro Frazão, em entrevista anexa a este Relatório.

⁸ Informação disponível em

<http://www.marktest.com/wap/private/images/news2017/1052/Bareme.pdf> ou ainda na notícia da Rádio Renascença em

http://rr.sapo.pt/noticia/89083/rfm_lider_geral_renascenca_domina_entre_radios_informativas

⁹ José Pedro Frazão, em entrevista anexa a este Relatório.

¹⁰ Pedro Leal, em entrevista anexa a este Relatório.

No entanto, Nelson Traquina afirma que a teoria de *gatekeeper* “privilegia apenas uma abordagem microssociológica, ao nível do indivíduo, ignorando por completo quaisquer factores macrossociológicos [...] como a organização jornalística” (2001, p. 70). Trata-se de uma teoria que, na opinião do autor, “se baseia no conceito da selecção, minimizando outras dimensões importantes do processo de produção das notícias” (2001, p.70).

Acontece que o jornalista tem uma responsabilidade dupla perante a profissão que exerce e a organização comunicacional para a qual ele trabalha, o que acaba por influenciar a triagem que faz da informação (Shoemaker e Reese: 1996, p. 106).

Para melhor perceber o trabalho desenvolvido pelos profissionais de informação, é importante analisar as rotinas jornalísticas presentes no seu dia-a-dia (Shoemaker & Reese: 1996, p. 105), que nada mais são do que práticas que se desenvolvem e que correspondem às necessidades das empresas de média e dos jornalistas (Shoemaker & Reese: 1996, p. 108). Também Traquina vai ao encontro desta ideia, afirmando que os estudos etnográficos realizados para a compreensão do jornalismo permitiram, entre outros factores, “reconhecer que as rotinas constituem um elemento crucial nos processos de produção das notícias.” (2001, p.62).

3.1 A noticiabilidade e os valores notícia.

“A invocação e aplicação dos valores notícia surge quando se avalia a noticiabilidade do acontecimento, ao apreciar se as suas características o tornam ou não merecedor de ser notícia” (Correia: 1997, p.137).

Antes de falar em valores-notícia, talvez seja melhor começar por perceber o que é a noticiabilidade de um acontecimento. Sobre isso, Traquina diz o seguinte:

“As notícias são o resultado de um processo de produção, definido como a percepção, selecção e transformação de uma matéria-prima (principalmente os acontecimentos) num produto (as notícias). Os acontecimentos constituem um imenso universo de matéria-prima; a estratificação deste recurso consiste na selecção do que irá ser tratado, ou seja, na escolha do que julga ser matéria-prima digna de adquirir a existência pública de notícia, numa palavra – ter noticiabilidade (*newsworthiness*)” (2001, p.94).

O autor italiano Mauro Wolf complementa esta ideia, sublinhando que a noticiabilidade é definida “como um conjunto de elementos através dos quais o órgão informático controla e gere a quantidade e o tipo de acontecimentos” (1987, p. 173), ao passo que os

valores notícia são “uma componente da noticiabilidade” (1987, p.173). O apoio aos critérios noticiosos reflecte-se “em todo o restante percurso da actividade jornalística, até à apresentação e edição dos noticiários” (Correia: 1997, p.137).

Mais, “os valores/notícia derivam de pressupostos implícitos ou de considerações relativas” ao conteúdo das notícias, à disponibilidade de recursos materiais “e aos critérios relativos ao *produto informativo*”, ao consumidor e à “concorrência” (Wolf: 1987, p. 177).

O conteúdo das notícias – ou, como categoriza Wolf, os “critérios substantivos” (1897, p. 178) – admite a divisão entre o grau de importância e o grau de interesse que determinado acontecimento pode ou não conter (Wolf: 1987, p.178).

Para avaliar a importância, o jornalista apoia-se no seu próprio juízo e nas rotinas da organização para a qual trabalha (Correia: 1997, p. 140), ao passo que, para avaliar o interesse do acontecimento, o jornalista projecta o grau de interesse no público (Correia: 1997, p. 139).

3.1.1 Os valores-notícia de Fernando Correia (baseados na classificação de Mauro Wolf).

Baseando-se na classificação de Mauro Wolf, Fernando Correia explica que o grau de importância pode ser avaliado em quatro factores:

1. “Posição hierárquica dos indivíduos” – quando um evento relativo a uma personalidade pública que se sobrepõe a outra (talvez de maior relevância) por o(s) protagonista(s) ser(em) conhecido(s), encontrando-se aqui subjacente a visibilidade mediática (Correia: 1997, p.140, 141);

2. “Influência sobre o interesse nacional” – que depende da forma como cada órgão interpreta aquilo que é de interesse para o país em que se encontra (Correia: 1997, p.141); é também um factor influenciado pela lei da proximidade, repartida em duas categorias:

Proximidade geográfica – são tratados, em primeiro lugar, assuntos que estejam fisicamente mais perto do local onde o jornalista trabalha, e só depois os mais longínquos (Correia: 1997, p. 142);

Proximidade psicológica:

“Em segundo lugar a proximidade psicológica, respeitando neste caso a temas ou regiões que estão mais perto dos interesses dos leitores, não pelos quilómetros, mas por razões históricas, políticas, económicas, culturais ou outras” (Correia: 1997, p. 142).

3. “Número de indivíduos envolvidos num acontecimento” – quantidade dos protagonistas envolvidos, o que se encontra directamente ligado à lei da proximidade: as vidas nacionais, sejam elas em menor número do que noutra tragédia, têm sempre prioridade (Correia: 1997, p.143);

4. “Relevância e significatividade do acontecimento quanto à evolução futura de uma determinada situação” – quando o evento é importante, escolhendo-se dar-lhe atenção e cobertura jornalística redobrada (Wolf: 1987, p.181).

Relativamente ao critério de interesse, “ele caracteriza-se [...] [pela] capacidade que este [o acontecimento] tem [...] de suscitar a curiosidade e prender a atenção do público” (Correia: 1997, p.144). Associados a este critério estão os seguintes factores: o insólito, o quotidiano íntimo das figuras públicas; a “inversão de papéis”; o “interesse humano”; e os “feitos excepcionais ou históricos” (Correia: 1997, p.146).

3.1.2 Os valores-notícia de Pamela J. Shoemaker e Stephen D. Reese.

No campo da informação, é difícil perceber o que o público prefere consumir, visto que não há com ele um contacto directo, na hora de seleccionar acontecimentos noticiosos, ao contrário do campo do entretenimento (Shoemaker & Reese: 1996, p. 110), no qual se consegue ter uma maior noção do que as pessoas querem ver, ler ou ouvir. Perante esta realidade, Pamela J. Shoemaker e Stephen D. Reese enumeram seis valores-notícia (1996, p.111) que abarcam tanto critérios para os acontecimentos importantes, como para os interessantes:

1. A importância – avaliada de acordo com o impacto: quantas vidas é que são afectadas; as mortes são mais importantes; e as acções de poder mais passíveis de serem notícia, porque o poderoso afecta o público em geral;

2. O interesse humano – as pessoas têm maior interesse nos aspectos que não têm influência directa nas suas vidas: celebridades, curiosidades políticas e os dramas da humanidade;

3. O conflito ou a controvérsia – têm visibilidade, porque assinalando o conflito, alertamos para problemas importantes; o conflito é mais interessante do que a harmonia, porque o que é negativo as pessoas querem conhecer/saber;

4. O inesperado / fora do comum – o ser humano assume que os eventos do presente se vão repetir no futuro, pelo que o inesperado ou o fora do comum desperta as pessoas e é a excepção à regra;
5. O tempo/ a actualidade – a atenção das pessoas é dispersa e impaciente, pelo que elas se interessam pelo actual, pelo imediato; e o agora é mais passível de despertar atenção;
6. A proximidade – os acontecimentos que se passam mais perto têm mais hipótese de se tornarem notícia.

3.1.3 Outros critérios de decisão: os materiais, o produto informativo e o equilíbrio.

Para além dos critérios aqui expostos, há outros valores-notícia tidos em conta na selecção de informação, sendo eles a “disponibilidade dos materiais” e as “características específicas do produto informativo” (Correia: 1997, p. 148), ao passo que ambos têm influência directa na acção do jornalista e na sua autonomia laboral.

A disponibilidade dos materiais encontra-se estreitamente associada à disponibilidade do jornalista para se deslocar aos sítios onde certo acontecimento se está a reproduzir; e do universo de meios materiais, pessoais e financeiros de que dispõe o órgão de comunicação social para o qual trabalha. São factores que influenciam mais a cobertura de acontecimentos imprevistos do que os de agenda (Correia: 1997, p. 148).

Tal acaba por enfraquecer o investimento no jornalismo investigativo, o que leva o jornalista a limitar-se ao apoio nas fontes:

“Prioritariamente preocupados, de uma maneira geral, na rentabilidade a curto prazo e na visibilidade imediata, as empresas mediáticas investem pouco na criação de condições propícias ao jornalismo de investigação, à criação de equipas de trabalho e a outros dispositivos que possibilitem a elaboração de um produto jornalístico ponderado, sustentado e aprofundado. Isto conduz inevitavelmente à fragilização da posição do jornalista e, muitas vezes, à sua maior dependência das fontes” (Correia: 1997, p. 149).

No que diz respeito às características da informação, os critérios da concisão ou de brevidade são preferenciais: quanto mais curtas forem as peças jornalísticas, melhor são apreendidas pelo público e mais espaço tem o jornalista para incluir notícias de outras temáticas, diversificando-se o leque noticioso, pelo que “saber reduzir uma informação ao estritamente essencial [...] constitui [...] uma componente básica da capacidade profissional do jornalista” (Correia: 1997, p. 152).

Tal componente obriga, no entanto, a cortar certos ângulos, o que pode levar a “significativas distorções da informação, desde logo pela óbvia razão de poder implicar o não proporcionamento ao público de uma visão completa e fundamentada dos factos noticiados” (Correia: 1997, p.152), contribuindo ainda mais para a sobrevalorização da informação-espectáculo (Correia: 1997, p.153).

Há, no entanto, outro critério de noticiabilidade a ser considerado, segundo Correia, que apela ao equilíbrio entre dois componentes: o acontecimento e o espaço interno de um noticiário (Correia: 1997, p. 156).

A construção, a composição, o tamanho e a duração são características do noticiário que são influenciadas pela publicidade (Correia: 1997, p.156,157); e isto “acaba mesmo por assumir, no que se refere à rádio e à TV comerciais, um papel estruturante no perfil do produto final” (Correia: 1997, p.157) e que se sobrepõe e é prioritária no conjunto do noticiário, como explica o autor:

“O número e o tamanho dos anúncios a incluir acabam por ser determinantes no número e no tamanho dos artigos a publicar, das peças a transmitir ou das secções e partes em que o noticiário é dividido” (Correia: 1997, p.157);

Afectado pela publicidade, o valor-notícia do equilíbrio acaba por adoptar contornos mais comerciais do que informativos, o que o torna num critério mais mercantilista do que jornalístico, afectando a autonomia do jornalista. (Correia: 1997, p.157).

3.2 Condicionantes da produção noticiosa.

3.2.1 A teoria organizacional de Warren Breed (citado por Nelson Traquina).

A teoria organizacional surge pela primeira vez num estudo realizado pelo sociólogo norte-americano Warren Breed que “alarga a perspectiva teórica – do âmbito individual a um nível mais vasto” (Traquina: 2001, p.71), inserindo “o jornalista no seu contexto mais imediato, a organização para a qual trabalha” (Traquina: 2001, p. 71).

Como refere Traquina, o sociólogo “sublinha a importância dos constrangimentos organizacionais sobre a actividade profissional do jornalista” (2001, p.71), considerando “que o jornalista conforma-se mais com as normas editoriais da política editorial da organização do que com quaisquer crenças pessoais que ele ou ela tivesse trazido consigo” (2001, p.71).

Ou seja, as escolhas dos jornalistas vão para além da simples definição de *gatekeeper*, e têm em conta factores directamente ligados com o órgão de comunicação social onde desempenham a sua actividade profissional, como o factor económico, por exemplo:

“Segundo a teoria organizacional, o trabalho jornalístico é influenciado pelos meios de que a organização dispõe. Assim, esta teoria aponta para a importância do factor económico na actividade jornalística” (Traquina: 2001, p.78).

O autor continua, referindo o seguinte:

“O jornalismo é também um negócio. Todas as empresas jornalísticas, com a excepção das empresas públicas, enfrentam mais tarde ou mais cedo a tirania do balanço económico final, ou seja, a comparação entre os custos e as receitas. As receitas provêm essencialmente das vendas e da receita da publicidade. O espaço ocupado pela publicidade intervém directamente na produção do produto jornalístico” (2001, p.78).

A publicidade é um factor de dependência dos órgãos de comunicação social, que afecta o equilíbrio dos noticiários¹¹ e, ao mesmo tempo, o produto informativo final, como conclui a citação de Traquina.

Sobre o assunto, Eduardo Meditsch sublinha igualmente que “o ideal de diminuição de custos é a segunda maneira com que a finalidade lucrativa das organizações interfere na produção de notícias” (1999: p. 78) e completa afirmando que “o orçamento costuma ser um campo de tensão permanente entre os valores do profissionalismo e a orientação das organizações em função do lucro” (1999: pp. 78, 79).

3.2.2 O mercado e a concorrência.

Voltando a distinção feita por Mauro Wolf sobre a importância e o interesse de um acontecimento¹², há um momento em que os dois critérios acabam por convergir – o que é importante também tem de ser interessante. Para que isso seja possível, o jornalista é muitas vezes obrigado a encontrar ângulos de abordagem diferentes. A tendência, no entanto, é que o jornalista acabe por focar-se no que é acessório, produzindo uma notícia mais interessante do que importante (Correia: 1997, pp.145,146).

A sobrevalorização do factor de interesse em detrimento do critério da importância tem muito que ver com as pressões financeiras do mercado e a concorrência. Influenciados por esses dois factores que alimentam a “obsessão da conquista das audiências”

¹¹ Ver p. 27 do *corpus* do presente Relatório.

¹² Ver p. 24 do *corpus* do presente Relatório.

(Correia: 1997, p.146), “os jornalistas sentem-se com demasiada frequência, na obrigação de, a qualquer preço, encontrar temas e abordagens capazes de atrair e prender o interesse do público, ou o que eles julgam ser de interesse” (Correia: 1997, p. 146).

3.2.3 Consequências dos constrangimentos: o critério do Conflito e o Sensacionalismo.

Dos valores-notícia acima mencionados, há um que se destaca, como afirma Correia: “Um dos aspectos mais criticados dos noticiários é a insistência com que se incluem e destacam as chamadas *notícias negativas*” (1997, p. 147). Mas há razões para essa tendência: o negativo é mais fácil e rápido de mostrar, por oposição ao positivo; o negativo é mais consensual, ao passo que o positivo é mais subjectivo; e, por fim, as notícias negativas vão de encontro ao que o jornalismo procura: o novo, o inesperado, o diferente, o chocante, o que foge à rotina, o que o torna capaz de satisfazer o público e atrair um maior número de audiências (Correia: 1997, p.147).

Correia chega à conclusão que:

“[...] as notícias negativas se revestem de características que as tornam mais adequadas e mais convenientes à inclusão dos noticiários, indo ao encontro dos valores-notícia e de critérios (a valorização do *diferente*, do *chocante*, do que foge à rotina e à norma, do *sensacional*) capazes de garantir uma melhor satisfação do público e de aumentar as audiências” (1997, p.147).

Segundo Correia, a predominância desse tipo de notícias, longe de ter a ver com a preferência dos jornalistas, representa:

“[...] a concretização de uma política de empresas mediáticas orientada para a prossecução de finalidades mercantis (e também ideológicas) às quais a informação e o trabalho jornalístico se encontram subordinados. Um trabalho jornalístico, aliás, cuja organização e cujas rotinas estão mais orientadas para a cobertura e tratamento do que é pontual e episódico, do que para o que se processa ao longo do tempo” (1997, p. 147).

Perante esta realidade, o jornalista acaba por confundir o campo da informação com o campo do entretenimento, “ou mesmo sacrificando a ética no altar das audiências” (Correia: 1997, p.147). A opção de comercializar a informação, acaba por remeter para o campo do sensacionalismo (Correia: 1997, p.147).

3.3 Jornalismo especializado: panorama do jornalismo religioso em Portugal.

No quadro das últimas abordagens aqui realizadas, e visto o objecto de estudo, achamos importante fazer um paralelo com o jornalismo religioso.

“Acho que o jornalismo hoje padece de um problema que poderíamos definir como uma espécie de jornalismo de cachecol clubístico. Ou seja, no futebol, com a selecção portuguesa ou com um clube de futebol somos todos da selecção, ou somos todos do clube ou somos todos adeptos de futebol. E isso não é verdade. Na religião temos momentos em que somos todos católicos; a visita do Papa e o que se passa à volta e o modo como é trabalhado o assunto em muitos jornais, rádios, televisões, sobretudo até talvez as televisões, é muito na perspectiva de ‘somos todos católicos’, ‘todos gostamos imenso do Papa’ e, portanto, a linguagem, é uma linguagem acrítica e sem qualquer distanciamento¹³”.

De acordo com António Marujo, o tratamento feito ao jornalismo religioso é simplificado, partindo do princípio que os acontecimentos mais comuns e com maior visibilidade mediática são consumidos por toda à gente, quando não é esse o caso.

Mas há uma razão para isso:

“Las creencias, las prácticas de fe y la vida de las comunidades religiosas constituyen una realidad compleja cuya presencia en los medios de comunicación no siempre es satisfactoria” (Pou Américo: 2008, p. 562).

Segundo a autora Maria Pou Américo, a realidade religiosa e a complexidade que lhe é subjacente derivam de três factores: o conteúdo é visto como de carácter sagrado, quase que intocável; é uma realidade que vai para além da compreensão humana, e que está ligado ao divino; e é uma realidade que obedece a formas de expressão e de linguagem próprias (2008, p. 564).

Quando questionado sobre as dificuldades com que se depara na hora de tratar informação religiosa – neste caso, católica –, também José Pedro Frazão, editor da Rádio Renascença considera a linguagem um factor dominante, acrescentando que o acesso às fontes é igualmente um problema:

“Em primeiro lugar, de forma até paradoxal, a capacidade de aceder às fontes de informação capazes de validar e dar voz à informação de ‘cariz católico’ – para manter a expressão que propões – num tempo ajustado às necessidades de uma rádio e de um site que produz informação ao minuto e ao segundo. Nem sempre os tempos da Igreja – sobretudo em Portugal por comparação com outras culturas até europeias – estão alinhados com os tempos mediáticos; Em segundo lugar, a própria linguagem utilizada pelas fontes é demasiado cifrada, pouco eficaz ou eloquente para os propósitos da

¹³ António Marujo, em entrevista anexa a este Relatório.

comunicação radiofónica, por natureza baseada na clareza, na concisão e na simplicidade (não confundir com simplismo)¹⁴”.

3.3.1 A negatividade: o critério predominante.

Tal como já aqui referimos, há uma tendência no jornalismo para sobrevalorizar acontecimentos, ou escolher ângulos de abordagem com tendência para chocar as pessoas, no intuito de atrair mais audiência.

No jornalismo religioso, a tendência não é diferente, como comprova a citação seguinte:

“Los valores-noticia que, a menudo, están presentes entre los contenidos de la sección religiosa son: la desviación, negatividad y espectacularidad, es decir, sus implicaciones en lo temporal, -especialmente lo escandaloso o morboso, el error o lo que no encaja con la imagen ‘religiosamente correcta’-; el conflicto: en el caso de la Iglesia, ese conflicto se produce, especialmente, en sus relaciones con el poder político” (Pou Américo: 2008, p.568).

Quando questionado sobre o pluralismo e a tentativa de ouvir outras vozes pronunciarem-se sobre os assuntos da Igreja, o editor da Tarde da Rádio Renascença, começou por reconhecer que a notícia religiosa é cada vez mais associada ao conflito:

“Essa análise não deve ignorar, por contraponto, a falta de atenção dada à religião inclusive nos meios de comunicação social de referência, sobretudo imprensa, muitas vezes centrada exclusivamente no critério do conflito¹⁵”.

Pou Américo aponta outros critérios que predominam no tratamento da informação religiosa:

“[...]el interés humano, sobre todo, su función social; los valores disonantes: las verdades de fe son noticia sólo cuando son discrepantes del pensamiento dominante y la vida social; el costumbrismo, la manifestación pública de la religiosidad.” (Pou Américo: 2008, pp. 568, 569).

Mas, como afirma António Marujo, os grandes eventos, como a visita de um Papa, ou os aspectos ligados somente à Igreja não são o quotidiano das pessoas, que é para onde o jornalismo deve centrar mais a sua atenção:

“[...] a questão religiosa é importante para as pessoas é nos seus quotidianos; é perceber com dizia e diz muitas vezes um amigo meu, perceber onde é que dói na vida das pessoas; é perceber porque é que as pessoas sofrem, porque é que as pessoas lutam, porque é que as pessoas se alegram; porque tudo isso tem a ver com a dimensão religiosa da vida das pessoas; e portanto, é nós, como jornalistas, irmos tentar entender, onde é que dói à vida das pessoas; onde é que as pessoas estão contentes, onde é que as

¹⁴ José Pedro Frazão, em entrevista anexa a este Relatório.

¹⁵ José Pedro Frazão, em entrevista anexa a este Relatório.

... pessoas se sentem realizadas, onde é que as pessoas estão bem umas com as outras; onde é que as pessoas estão desiludidas com a política, onde é que as pessoas se sentem injustiçadas com a organização do sistema económico e financeiro¹⁶”.

No caso da Rádio Renascença, José Pedro Frazão faz questão de realçar que o tratamento religioso da estação vai além da Igreja como instituição e das vozes mais importantes que ela tem, procurando igualmente olhar para o quotidiano das pessoas comuns:

“[...]a cultura da Renascença impele-nos a um olhar global, multicontinental, contextualizando o ouvinte e o leitor e sobretudo identificando onde estão as desigualdades e os problemas sociais, alguns dos quais transformados em abusos dos direitos humanos. Resumindo, a dimensão social, no impacto das notícias na vida das pessoas, aqui ou noutro continente, é um dos meus principais critérios, o que acaba por estar em linha com o humanismo cristão e com a Doutrina Social da Igreja [...]”¹⁷.

3.3.2 A notícia religiosa: um produto que “vende”.

Em 2011, um estudo do Centro de Estudos de Religiões e Culturas (CERC), da Universidade Católica de Lisboa (UCL), demonstrou que o número de católicos em Portugal havia diminuído, tendo passado de 86,9%, em 1999, para 79,5% em 2011. Ainda assim, o mesmo estudo verificou que a Religião Católica ainda é a que predomina em Portugal (CERC – UCL: 2011, p.3)¹⁸.

Para António Marujo, a falta de um olhar crítico no tratamento dos assuntos religiosos revela um problema grave do jornalismo, consequência da “muita ignorância que predomina sobre muitos assuntos e nomeadamente, sobre a questão religiosa”, que acaba por “sofre[r] mais” com isso¹⁹:

“Há uma grande incapacidade de aprofundar as coisas, também pelas condições de trabalho que os jornalistas têm – não há tempo, os patrões querem que as pessoas trabalhem o triplo, pelo mesmo dinheiro; querem que as pessoas façam vídeos, textos, sons, etc., tudo para o mesmo meio de comunicação – e, portanto, não há tempo para as pessoas pensarem, reflectirem, informarem-se, estudarem, que são coisas essenciais”²⁰.

¹⁶ António Marujo, em entrevista anexa a este Relatório.

¹⁷ José Pedro Frazão, em entrevista anexa a este Relatório.

¹⁸ Informação disponível em

http://www.esb.ucp.pt/sites/default/files/images/inquerito_2011_resumo.pdf

¹⁹ António Marujo, em entrevista anexa a este Relatório.

²⁰ António Marujo, em entrevista anexa a este Relatório.

Se por um lado os constrangimentos ligados à profissão diminuem o trabalho necessário no aprofundamento das questões religiosas, a verdade é que essas questões não são as mais escolhidas pelos jornalistas:

“Não é a matéria que apetece mais aos jornalistas [...] na ordem de definir prioridades os jornalistas não entendem que o factor religioso e, no caso português, o catolicismo, é um factor importante²¹”.

À reflexão de António Marujo importará acrescentar os reparos do autor italiano Furio Colombo, que afirma que a notícia religiosa “é tratada com amplas citações textuais dos discursos do Papa ou de bispos” e que “[s]egundo esta maneira de trabalhar a notícia religiosa não adquire nunca a dimensão e a dignidade plena, patente nas outras notícias” (1998, p.118).

Para sublinhar a importância do factor religioso, António Marujo diz que se trata de um tema que vai de encontro às necessidades comerciais e económicas do jornalismo, por ser um assunto procurado pelas pessoas:

“[...] o factor religioso vende, vende jornais, dá audiências, é desejado pelas pessoas, porque é um factor importante para a vida das pessoas, para a vida de muita gente; e há estudos sociológicos, sondagens, inquéritos, etc. que o mostram também²²”.

Um exemplo prático, dado pelo mesmo jornalista:

“Quando eu ainda estava no *Público* e o Papa João Paulo II foi canonizado, beatificado – agora não me recordo [...] o *Público* fez um caderno especial, que na prática era a reedição do trabalho que eu tinha feito quando ele morreu; portanto um caderno com 30 ou 40 páginas sobre a figura do Papa João Paulo II; e esse caderno foi publicado numa quarta-feira, que era um dos dias piores de venda de um jornal, não sei mesmo se o dia pior [...] e nesse dia [...] o jornal vendeu mais 5%, salvo erro; teve mais 5% de vendas nesse dia do que numa quarta-feira normal; a última quarta-feira em que tinha vendido tanto – estamos a falar de 2011, portanto – tinha sido um ano antes com o Papa Bento XVI na capa, na missa da Praça do Comércio, em Lisboa²³”.

3.3.3 O problema do jornalismo é o problema da Igreja e vice-versa.

De acordo com António Marujo, tanto a Igreja como o Jornalismo partilham o mesmo defeito: são ignorantes em relação à realidade um do outro. Quanto à Igreja:

“tem culpa [...] porque se demite de entender a linguagem própria do jornalismo, os modos de fazer próprios do jornalismo, os tempos próprios do jornalismo e portanto não

²¹ António Marujo, em entrevista anexa a este Relatório.

²² António Marujo, em entrevista anexa a este Relatório.

²³ António Marujo, em entrevista anexa a este Relatório.

faz um trabalho com os jornalistas. Desde logo não se aproxima deles. Sai um trabalho num jornal, por exemplo, que é desagradável para alguma instituição da Igreja – esse trabalho a atitude que deveria merecer era que o responsável da Igreja, fosse do sector que trabalha com a comunicação social ou fosse até do sector em causa, falasse ao jornalista a dizer: ‘eu estou disponível para falar consigo e para esclarecer aquilo que entender’. E essa atitude da Igreja não existe em muitos casos, eu diria que na quase totalidade. O que existe também é uma grande ignorância da parte das pessoas da Igreja sobre o que é a produção jornalística e o que é a linguagem jornalística²⁴”.

Do lado do jornalismo, encontramos:

“[...] um jornalismo que facilmente adopta a linguagem da instituição religiosa, neste caso, da Igreja católica, como uma linguagem sua; por isso é que os jornalistas falam em aparições, falam em Nossa Senhora; quer dizer, adoptam toda a linguagem, todo o código linguístico, sem procurar descodificar essa linguagem para os seus leitores, ou para os seus espectadores, ou ouvintes o que seja²⁵”

Também José Pedro Frazão admite que “nem sempre os tempos da Igreja – sobretudo em Portugal por comparação com outras culturas até europeias – estão alinhados com os tempos mediáticos²⁶”, pelo que a deficiente relação entre os media e a Igreja acaba por influenciar de forma directa a recolha, escolha e tratamento da informação religiosa.

Por seu turno, António Marujo acredita que a forma de conseguir resolver a questão entre o jornalismo e a Igreja passa por diminuir o nível de ignorância que cada lado tem em relação ao outro:

“A minha batalha nos dois lados é uma batalha contra a ignorância, porque eu acho que a ignorância é realmente a fonte da maior parte dos mal entendidos, e da maior parte dos preconceitos que existem de um lado e de outro²⁷”.

Capítulo IV – Estudo de Caso – Os valores-notícia dos assuntos católicos na Rádio Renascença: análise de conteúdo do noticiário das 18 horas.

4.1 Descrição da análise.

Hora do noticiário analisado	18 horas
Período de análise: início	6 de Março de 2017

²⁴ António Marujo, em entrevista anexa a este Relatório.

²⁵ António Marujo, em entrevista anexa a este Relatório.

²⁶ José Pedro Frazão, em entrevista anexa a este Relatório.

²⁷ António Marujo, em entrevista anexa a este Relatório.

Período de análise: fim	12 de Maio de 2017
Número de total de semanas de análise	10 Semanas
Dias da semana	Segunda a sexta-feira
Número total de noticiários	50

Fig.1 O descritivo da análise.

A análise efectiva dos noticiários iniciou-se a 6 de Março de 2017, exactamente um mês depois do arranque do estágio na Rádio Renascença, finalizando-se a 12 de Maio. Nestas 10 semanas, analisou-se o conteúdo dos noticiários da edição das 18 horas, de segunda-feira a sexta-feira, o que corresponde a um total de 50 noticiários.

50 Noticiários	
Número de noticiários transcritos 48	Número de noticiários não transcritos 2
Número de noticiários de curta duração (cinco minutos), por ser feriado 3	
14 de Abril: Feriado de Páscoa - Sexta-feira Santa; 25 de Abril: Feriado da Revolução de 74; 1 de Maio: Feriado do Dia do Trabalhador.	13 de Abril: começou a transmissão da Celebração de Páscoa em directo, às 18 horas; 12 de Maio: Emissão Especial da Visita do Papa que durou toda a tarde tendo os noticiários sido retomados às 19 horas.

Fig.2 Número de noticiários transcritos e não transcritos.

Dos 50 noticiários, dois não foram transcritos: o de dia 13 de Abril, por terem sido transmitidas em directo as Celebrações da Páscoa²⁸; e o de dia 12 de Maio, devido à Emissão Especial da Visita do Papa Francisco ao Santuário de Fátima, que se prolongou até às 19 horas, quando foram retomados os noticiários.

²⁸ Foi transmitida a Missa da Ceia do Senhor, em directo a partir da Sé de Beja. A celebração foi presidida por D. João Marcos, Bispo da Diocese de Beja. Informação disponível em http://rr.sapo.pt/noticia/81111/renascenca_com_programacao_especial_de_pascoa

Assim, 48 noticiários foram transcritos e analisados para a construção do presente trabalho. Desses 48, três têm uma menor duração (cinco minutos), por terem calhado em dias de feriado.

Para que a análise fosse mais fácil e a obtenção de resultados mais eficaz, procedeu-se, como já acima foi referido, à transcrição dos noticiários. Após a transcrição, e antes de efectuar a análise de conteúdo das notícias relacionadas com os assuntos católicos, foi feita uma contagem de todas as notícias, efectuando-se, de seguida, a triagem entre os assuntos objecto do nosso estudo e as outras peças jornalísticas.

Por forma a organizar a contagem das notícias, guiámo-nos pela estrutura dos noticiários, que se desdobra, na maioria dos casos, entre os espaços de “Informação” e de “Desenvolvimento”²⁹.

Para distinguir que assuntos entravam na categoria de “católico”, apoiámo-nos na distinção de José Pedro Frazão, editor da Tarde da Rádio Renascença, segundo o qual a actualidade religiosa, neste caso, a católica, pode ser dividida em dois campos:

“Por um lado, existe a informação de ‘actualidade religiosa’, mais centrada nas notícias ligadas à actividade interna na Igreja (exemplo: actividades das dioceses, da Santa Sé, da Conferência Episcopal). No entanto, desde há muito que a Renascença tem uma cultura informativa que transcende os muros da Igreja, centrada nos pontos de contacto diários da Igreja com as comunidades locais, com a sociedade e com o mundo à escala global³⁰”.

No guião dos noticiários, há duas grandes partes: o tempo de “Informação”, com duração de três minutos; e o de “Desenvolvimento”, com sete minutos. Obedecendo à estrutura do guião, realizou-se a contagem das notícias, tendo-se obtido os números seguintes:

Total de notícias no tempo de “Informação” – dois minutos (não se contabilizando um minuto de destaques desportivos).	Total de notícias no tempo de “Desenvolvimento” – sete minutos.	Total de notícias de assuntos católicos no tempo de “Informação” – dois minutos (não se contabilizando um minuto de destaques desportivos).	Total de notícias de assuntos católicos no tempo de “Desenvolvimento” – sete minutos.
157	77	13	16

²⁹ Ver exemplo de guião, em anexo, p.86.

³⁰ José Pedro Frazão, em entrevista anexa a este Relatório.

Fig. 3 Número total de notícias, de 48 noticiários transcritos; e número de notícias relativas aos assuntos católicos nas principais divisões do noticiário (destacadas a negro).

Nas 10 semanas de análise, foram contabilizadas 157 notícias no tempo de “Informação”; e 77 notícias, no de “Desenvolvimento”. Das 157 notícias, 13 estão relacionados com assuntos católicos; e das 77 peças jornalísticas no “Desenvolvimento”, 16 são dedicadas aos assuntos católicos. Assim se obteve um resultado total de 29 peças jornalísticas relacionadas com os assuntos católicos.

É importante destacar que a secção de “Informação”, tal como se pode observar na reprodução do guião³¹ tem uma duração de três minutos, divididos entre a actualidade generalista (dois minutos) e os destaques de desporto (um minuto), os quais são abordados posteriormente ao noticiário, em “Bola Branca”. Tratando-se de destaques desportivos, os mesmos não foram contabilizados, estando excluídos da presente contagem.

4.2 Resultados da análise de conteúdo.

Finda a contagem, procedeu-se à análise de conteúdo das notícias.

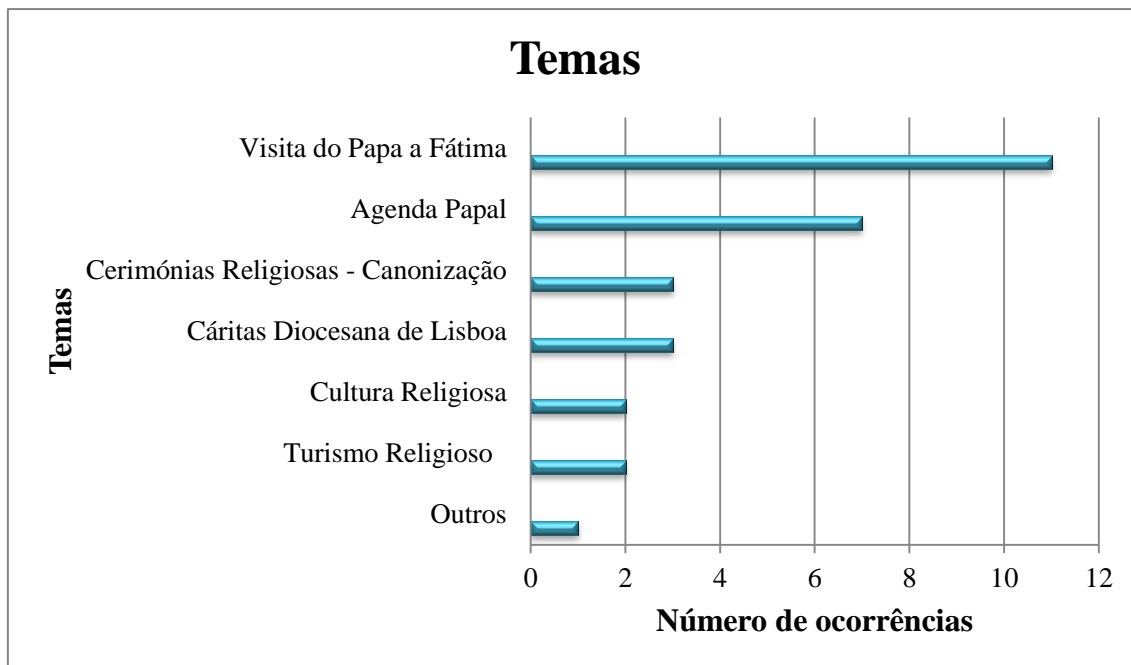


Fig. 4 Temas das notícias analisadas.

Como é possível observar na Fig.4, distribuíram-se, num primeiro momento, as notícias em seis categorias temáticas, o que veio por em evidência que os assuntos relacionados

³¹ Ver exemplo de guião, em anexo, p.86.

com a visita do Papa Francisco a Fátima foram os mais tratados, contabilizando-se um total de 11 notícias.

Ainda com grande destaque, seguem-se assuntos relacionados com a agenda do Papa Francisco – visitas oficiais a outros países, encontros com políticos ou mensagens oficiais em dias especiais – que somaram um total de sete notícias.

Em menor número, vêm os assuntos relativos à Cultura Religiosa e Turismo Religioso, tendo-se somado duas notícias por cada temática.

Os assuntos relativos à Canonização dos Pastorinhos registaram um total de três ocorrências. Ainda que tenham sido classificados na categoria de Cerimónias Religiosas, assume-se que poderiam fazer parte das notícias relacionadas com a visita do Papa ao Santuário, visto a cerimónia ter sido realizada a 13 de Maio, estando directamente ligada a esse acontecimento.

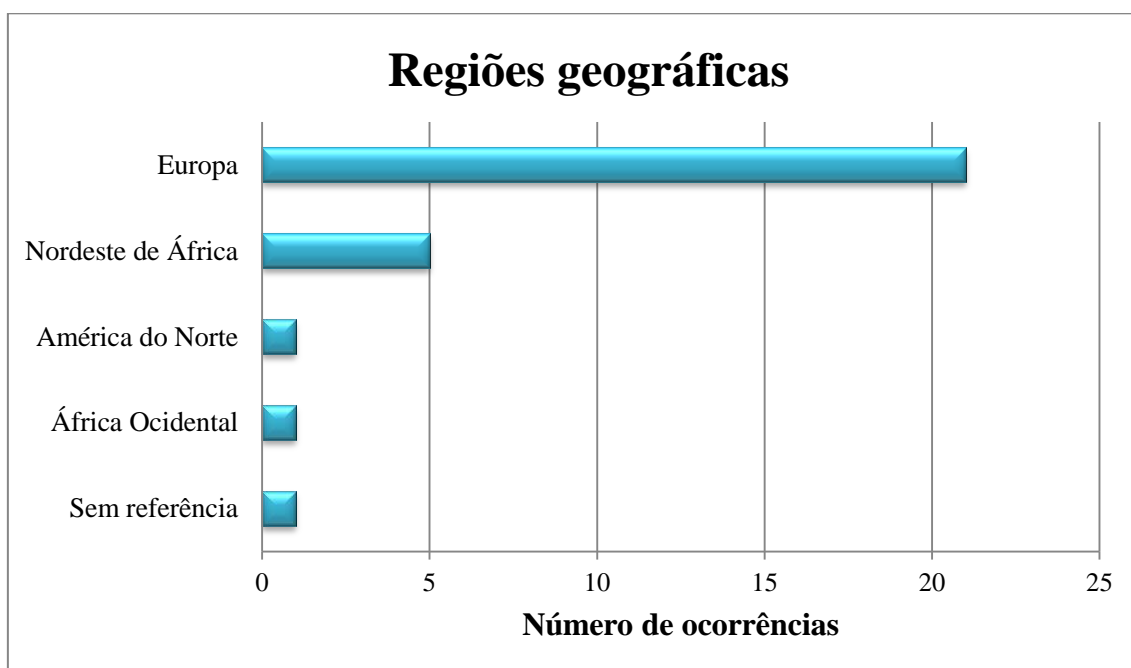


Fig. 5 Regiões geográficas em que foram registadas as ocorrências analisadas.

Como indica a Fig. 5, a maioria das notícias publicadas foram relativas a assuntos com origem no continente europeu e, em muito menor escala, nas outras três regiões geográficas mencionadas na tabela.

Dentro das ocorrências contabilizadas na Europa – um total de 21 notícias –, é importante destacar que 20 foram relativas a assuntos relacionados com Portugal, tendo

a outra ocorrido em Roma³². Foi ainda registada uma notícia sem referência de origem geográfica.³³

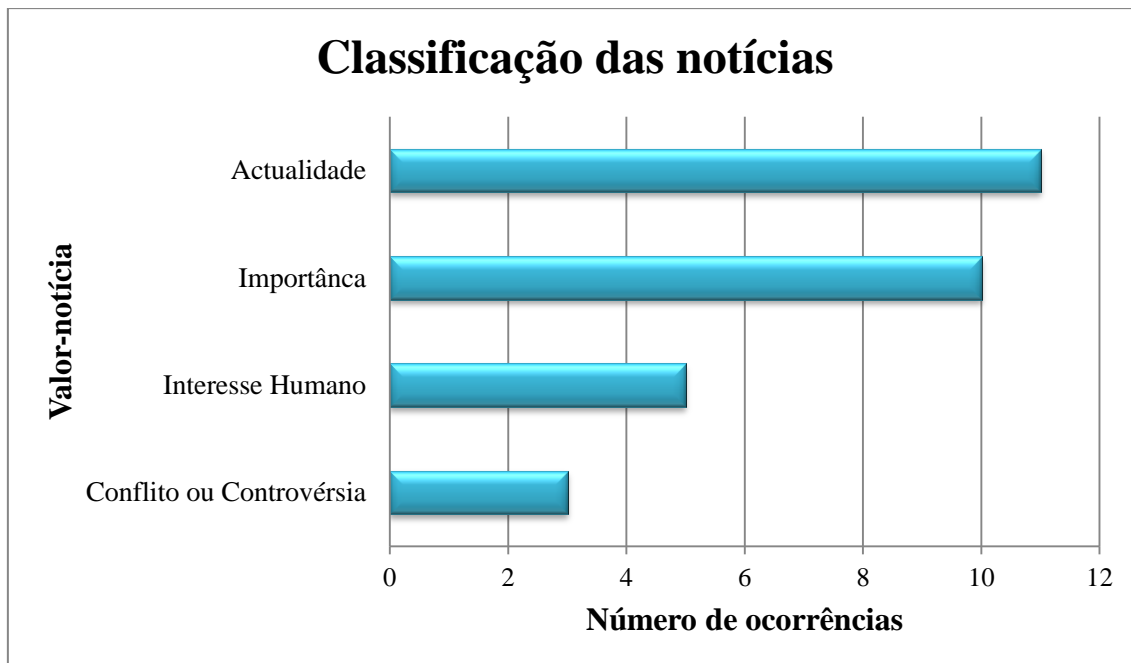


Fig. 6 Classificação dos valores-notícia nas ocorrências analisadas.

Como já aqui referimos, a análise de conteúdo pressupõe uma escolha, que é feita partindo da subjectividade do investigador. Sendo assim, a classificação dos valores-notícia das 29 peças jornalísticas relacionadas com os assuntos católicos foi atribuída tendo por base os valores estabelecidos pelos autores Shoemaker e Reese³⁴, que fornecem uma lista de critérios aplicáveis tanto ao grau de interesse como ao grau de importância de uma notícia.

A Fig. 6 revela que os valores-notícia mais frequentes são de acontecimentos considerados actuais e importantes, totalizando 11 nos de Actualidade e 10 nos de Importância. Nos assuntos de Interesse Humano, registaram-se cinco notícias. Por último, os de Conflito ou Controvérsia têm um total de três ocorrências.

De notar que, no decorrer da análise, a atribuição de critérios jornalísticos às ocorrências foi, nalguns casos, automática, devido ao carácter evidente de certas

³² Ver notícia parcial em anexo, em dia 24 de Março, p. 83.

³³ O jornalista não nos deu critério de localização que permita contabilizar a notícia de dia 30 de Março nesse critério. Ela pode ser consultada na íntegra no CD em anexo, ou ainda parcialmente, também em anexo, p.83.

³⁴ Ver pp. 25,26 do *corpus* do presente Relatório.

notícias. No entanto, outras suscitaram maior dúvida, por serem de natureza mais ambígua, chegando-se à conclusão de que poderiam ser associadas a mais do que um valor-notícia.

Como exemplo, observemos as notícias de dia 8 e 9 de Março³⁵ que ocupam o espaço de “Informação” e “Desenvolvimento”, respectivamente, e que foram categorizadas no tema de Turismo Religioso³⁶. Considerou-se que ambas podiam ser consideradas importantes ou actuais, visto que estão directamente ligadas à visita do Papa a Portugal, tema que dominou a informação, nos meses que a antecederam.

Na classificação final, escolheu-se incluir a notícia de dia 8 de Março na categoria de Importante – por noticiar um acontecimento que teria lugar no dia seguinte, tratando-se, neste caso, de um “Seminário de Turismo Religioso”, com especial foco na operação relacionada com a visita do Papa ao Santuário; e a notícia de dia 9 de Março foi inserida no critério da Actualidade, por dar cobertura a um acontecimento acompanhado em directo por uma jornalista presente no local, no mesmo dia em que foi noticiado. A mesma dificuldade foi sentida nas notícias de dia 23 e 24 de Março; nas de dia 24, 25 e 27 de Abril; e na de dia 4 de Maio³⁷.

Capítulo V – *Rádio Renascença*: o primeiro contacto com o mundo do jornalismo.

Licenciada em Línguas, Literaturas e Culturas, sempre vi o jornalismo de “fora”, seja como espectadora, ouvinte ou leitora. Nunca tive um olhar crítico sobre a actividade, até que iniciei o curso de Mestrado em Jornalismo, em Setembro de 2015, que se materializou no primeiro contacto teórico com esta vertente da Comunicação Social. Atendendo à minha falta de experiência e de conhecimento no meio, decidi, logo no início do curso, que iria realizar um relatório de estágio, como trabalho final.

O tema que escolhi praticamente determinou o local a realizar o estágio, tendo sido aceite na Rádio Renascença, em Lisboa. O estágio no Grupo Renascença Multimédia

³⁵ As notícias podem ser consultadas na íntegra no CD anexo a este Relatório, ou parcialmente na p. 83 dos anexos.

³⁶ Ver p.37 do *corpus* do presente Relatório.

³⁷ As notícias podem ser consultadas na íntegra no CD anexo a este Relatório, ou parcialmente nas pp. 83-85 dos anexos.

viria a ser, deste modo, essencial não só para o meu percurso curricular – como parte fundamental para a obtenção do grau de mestre em Jornalismo – mas também para o meu percurso profissional e pessoal – por ser o meu primeiro contacto com o mundo do jornalismo.

5.1 O universo temático que definiu o meio.

A ideia de realizar um relatório de estágio com um tema relacionado com o jornalismo e a religião nasceu de um artigo que li para a unidade curricular de Questões Críticas do Jornalismo Contemporâneo, no primeiro ano do curso de Mestrado. O objectivo da tarefa proposta pela docente da disciplina era o de fazer uma análise crítica sobre o texto "El Hecho Religiosos y su tratamiento periodístico: limitaciones y dificultades", da investigadora espanhola Maria José Pou Amérigo.

Para completar o trabalho e conhecer mais sobre o universo do jornalismo religioso, comecei a fazer pesquisas que rapidamente se revelaram infrutíferas. A pouca bibliografia sobre o assunto, especialmente, no meio académico, levou-me a perceber que poderia desenvolver um relatório de estágio relacionado com o jornalismo e a religião, e que este futuro trabalho poderia ser um contributo positivo para esse universo temático.

Escolhida a área de interesse, foi necessário encontrar o ângulo de abordagem, tarefa que só ficou concluída um mês e meio depois de o estágio ter começado.

A ideia inicial era a de estudar o cuidado que os jornalistas têm na produção de notícias relacionadas com a religião católica, na secção de Religião. Por ser um órgão de comunicação com uma linha editorial assumidamente católica e tendo em conta a temática de interesse, a escolha do estágio recaiu sobre a Rádio Renascença.

Após conversa com o orientador, cheguei à conclusão que poderia obter resultados mais reveladores se permanecesse inserida no turno da Tarde. Escolhi analisar o noticiário das 18 horas por se tratar de um noticiário de grande audiência³⁸, associada à saída dos locais de trabalho – e daí a frequente utilização do “Bom regresso a casa” pelo locutor. A transcrição e análise efectiva dos noticiários iniciou-se a 6 de Março.

³⁸ Ver captura de ecrã em anexo, p.87. Tratando-se de um link com acesso restrito aos computadores da Rádio Renascença, optei por reproduzir a imagem.

Aproveitando a transcrição dos noticiários que já tinha realizado, acabei por me dar conta de que poderia fazer uma análise de conteúdo dos mesmos com o intuito de perceber que notícias associadas à religião católica ocupam o espaço informativo das tardes, fazendo o levantamento dos valores-notícia. Tendo o orientador concordado com a ideia, o tema ficou definitivamente fixado: Os valores-notícia dos assuntos católicos na Renascença: análise de conteúdo do noticiário das 18 horas.

5.2 As primeiras impressões nas instalações labirínticas do Grupo Renascença Multimédia.

Foi a 18 de Novembro de 2016 que entrei na Rádio Renascença pela primeira vez, para a entrevista de estágio. Nessa altura, a nova sede tinha sido inaugurada na Buraca há cerca de meio ano, depois de quase 80 anos a emitir do Chiado.

A modernidade e a frescura do espaço eram, portanto, notórias e, enquanto esperava para ser recebida, saltavam à vista os tons de branco, cinzento e azul que revestiam as paredes das instalações.

Chegado o momento, fui recebida por Eunice Lourenço, Editora Política e Chefe de Redacção da Rádio Renascença, que me cumprimentou e me conduziu até à redacção, para discutirmos as condições de estágio. À medida que nos íamos dirigindo para a redacção, não consegui deixar de comparar as instalações a uma espécie de labirinto: cada porta dava acesso a um corredor com uma outra porta que dava acesso a escadas que davam acesso a outra porta.

Devido à ansiedade pela entrevista de estágio, as memórias desse dia são um pouco confusas, mas ainda me lembro da primeira ideia que tive, quando chegámos à redacção: à espera de encontrar um espaço barulhento e agitado, visto que essa era a ideia que eu tinha do “fazer jornalístico”, deparei-me, em vez disso, com um lugar calmo, onde o único barulho que se ouvia era o do teclado dos computadores.

Ao mesmo tempo, Eunice Lourenço levava-me para uma sala de reuniões onde pudemos, então, conversar sobre o estágio.

Nessa altura, ficou acordado que começaria em inícios de Fevereiro e que o estágio se iria prolongar até meados de Maio, por forma a acompanhar a cobertura da visita do Papa Francisco a Portugal.

Também ficaram logo definidos, nessa reunião, os horários e os dias de descanso semanais. Tendo tido a oportunidade de escolher entre os vários turnos disponíveis na redacção, decidi juntar-me ao turno da Tarde, cumprindo o horário das 14h30 às 20h30, de sábado a quarta-feira, tendo como dias de descanso a quinta e a sexta-feira.

Por nunca ter tido experiência na área e ainda com a expectativa de vir a permanecer na secção de Religião, ficou também decidido que no primeiro mês acompanharia o turno da Tarde, para me habituar à dinâmica da estação – onde, afinal, acabaria por ficar até ao final do estágio.

Nesse mesmo dia, foi-me também proporcionada uma visita guiada às instalações do Grupo r/com, por Eunice Lourenço, que me explicou como se encontrava dividida a redacção e a que secção pertencia cada “ilha”³⁹.

No entanto, nem o facto de já ter tudo a postos para o começo dessa nova etapa conseguiu fazer desaparecer o nervosismo e a ansiedade que sentia quando chegou o momento de começar o trabalho no terreno.

5.3 Buraca, 6 de Fevereiro de 2017.

Na tarde de segunda-feira de 6 de Fevereiro, dia em que se iniciou o estágio, fui recebida, como da primeira vez, por Eunice Lourenço, que me levou à redacção e que me apresentou ao turno da Tarde.

O primeiro dia foi calmo. Participei logo na reunião do turno da Tarde, onde pude conhecer o editor, os jornalistas e os outros estagiários; mas só nos dias seguintes é que tive acesso ao RCSNews – a plataforma onde são gravados e editados os sons, onde se constroem as peças e reportagens e onde se tem acesso aos serviços das agências noticiosas e dos jornais nacionais e internacionais –, tendo começado aos poucos a desempenhar tarefas.

Como me tinha sido explicado por Eunice Lourenço, no primeiro dia em que fui à Rádio Renascença, a redacção encontra-se organizada por “ilhas”, pertencendo cada uma a uma secção específica. A amplitude e a organização em blocos permitem um

³⁹ Expressão dada na redacção da Rádio Renascença a vários conjuntos de secretárias e computadores que representavam uma secção específica.

trabalho concentrado, mas também possibilitam e facilitam a interacção entre os jornalistas.

No que diz respeito ao planeamento horário, a Rádio Renascença encontra-se dividida em vários turnos, a saber:

Turno	Manhã	Manhã/Tarde	Tarde	Noite	Madrugada
Horário	5h – 11h	10h – 16h	14h30 – 20h30	18h – 00h	01h – 06h

Fig. 7 Os turnos da Rádio Renascença.

É com esta rotatividade horária que a Rádio Renascença consegue fazer um acompanhamento em permanência do que se passa “no país e no mundo”⁴⁰, 24 horas por dia e sete dias por semana.

Como mencionado acima, fui colocada no turno da Tarde, onde me familiarizei com os jornalistas e pude concretizar tarefas úteis para o trabalho produzido. Na altura em que fiz o estágio, o turno da Tarde encontrava-se organizado da seguinte forma:

Rádio Renascença – Lisboa		
Turno da Tarde: 14h30 – 20h30		
EDITOR José Pedro Frazão	SUBEDITOR José Carlos Silva	JORNALISTAS Ana Carrilho Ana Rodrigues Filomena Barros Liliana Monteiro Pedro F. Silva ⁴¹

Fig.8 Descritivo do turno da Tarde.

5.4 Uma observação também participante.

⁴⁰ Expressão que consta dos noticiários.

⁴¹ Um jornalista que integrou a equipa em momento posterior ao início do estágio.

Mais do que observar as dinâmicas de trabalho na Rádio Renascença e de obter informação sobre o meu tema, o estágio deu-me também a possibilidade de aplicar conhecimentos adquiridos durante o curso de Mestrado.

Não é possível fixar quantitativamente e de forma linear os trabalhos que fui desenvolvendo ao longo das 14 semanas de estágio. As tarefas que me eram atribuídas variavam consoante o fluxo de informação, as necessidades dos editores e dos próprios jornalistas, fazendo com que todos os dias fossem diferentes.

Para que mais facilmente me pudesse habituar à escrita radiofónica, o início do estágio implicou a redacção de “breves”, ou seja, notícias que se esgotavam em três ou quatro frases. Ao desempenhar esta tarefa, confirmei o que já tinha podido aprender na unidade curricular de Atelier de Reportagem, Entrevista e Edição Radiofónica do curso de Mestrado: a incompatibilidade entre a forma como estava habituada a escrever, demasiado explicativa e detalhada, com a linguagem assertiva, directa e muito sintética, própria da linguagem radiofónica. Daí que os fins-de-semana se tenham revelado especialmente proveitosos. Ao contrário dos outros dias da semana, com ritmo de produção noticiosa muito acelerada, os sábados e os domingos eram os mais calmos da redacção, possibilitando maior acompanhamento por parte dos jornalistas profissionais, que tinham mais tempo disponível para tirar dúvidas e corrigir os meus textos.

Foi necessário conjugar o que aprendi na unidade curricular acima mencionada com a prática quotidiana na Rádio Renascença, aprofundando a percepção de que teria que “desconstruir” as notícias que nos chegavam das agências noticiosas, para as transformar em textos tão próximos da oralidade quanto possível, com o objectivo de serem lidos ao microfone, tal como afirma João Paulo Meneses:

“As agências noticiosas cultivam uma técnica frásica demasiado telegráfica, pouco natural, pouco oral – ninguém fala assim. É uma técnica correta ao nível da hierarquia das informações (a “pirâmide invertida”), curta e sintética. Mas demasiado fria na linguagem. Na rádio procuramos a oralidade, uma espécie de linguagem média da coloquialidade; tentamos escrever e ler como se estívéssemos a falar” (Meneses: 2016, p.9).

Todavia, também foi possível perceber que, na prática, os profissionais nem sempre respeitam ensinamentos que colhi no Atelier de Entrevista, Reportagem e Edição Radiofónica, onde, por exemplo, tinha aprendido a não fazer citações utilizando

palavras ou expressões como “segundo” ou “de acordo com”, ideia também acolhida por João Paulo Meneses:

“[...] não é muito aconselhável (por se afastar da oralidade e confundir-se com os tiques de imprensa) o recurso sistemático a palavras ou expressões como “segundo...”, “conforme”, “como se sabe”, “de registar que”, “levado a cabo”, que, no fundo, são muletas. Muito menos iniciar uma frase com elas, porque isso também é um tique da imprensa – e ninguém fala assim” (Meneses: 2016, p. 13).

Com efeito, talvez pela pressão do tempo, era frequente a utilização de palavras ou expressões como as exemplificadas pelo autor.

À medida que o tempo ia passando, a responsabilidade foi aumentando: gravei e editei sons; montei peças⁴²; fiz transcrições de entrevistas; traduzi sons por escrito para que pudessem posteriormente ser dobrados por um jornalista, ao microfone; e fiz as chamadas “escutas”, tarefa que consistia em ouvir os noticiários da TSF e da Antena 1, por forma a perceber a escolha de temas da actualidade e também a construção da informação – uso de sons, directos com jornalistas ou correspondentes. Sempre crescendo a complexidade das tarefas, acabei por sair em reportagem e por escrever textos para o sítio *online* da estação.

5.5 “É sempre para a hora seguinte”.

“[...] o jornalista de rádio começa o seu trabalho diário com a colocação de um conflito (o espaço aberto na programação, com hora marcada para ser preenchida), a tensão vai aumentando na medida em que se aproxima a hora fatal e precisam de ser aceleradas decisões” (Meditich: 1999, p.66)

Sendo a Rádio Renascença o primeiro contacto que tive com o mundo do jornalismo, não tenho como comparar o ritmo de trabalho numa emissora de rádio com o da redacção de um jornal ou com o de uma estação de televisão. Aquilo que posso afirmar é que o ritmo era acelerado e os dias sempre diferentes.

O turno da tarde começava às 14h30. A minha principal tarefa era a de estar atenta aos *takes*⁴³ da Lusa e da Reuters, e tentar perceber que acontecimentos se destacavam normalmente com o objectivo de propor temas que deveriam ser trabalhados de

⁴² Na versão mais simples, a montagem de peças implica juntar harmoniosamente num único registo sonoro três componentes: a primeira, corresponde ao “lançamento” - leitura gravada de um texto que revela a notícia; a segunda, a declarações gravadas, com a voz de outra pessoa; e, por fim, o chamado “rodapé” - nova leitura gravada de outro texto que resume ou contextualiza os dois excertos anteriores.

⁴³ *Takes* são as notícias distribuídas pelas agências noticiosas.

imediate, mas às vezes também para os dias seguintes. Esta era uma tarefa diária que todos faziam, para que os trabalhos fossem propostos nas reuniões de turno, igualmente diárias⁴⁴.

As peças que me eram confiadas destinavam-se quase sempre a transmissão no próprio dia, depois de aprovadas pelo editor ou subeditor. Na maioria dos casos, eram eles que me atribuíam os trabalhos, sempre com objectivo de emissão no noticiário seguinte. Mais raramente, o prazo era estipulado para um certo dia e hora, por questões de alinhamento noticioso – os chamados “enlatados”, para responder a momentos previsíveis em que teriam utilidade.

Sendo característica determinante do meio rádio a resposta rápida a acontecimentos imprevisíveis, como incêndios ou acidentes, também era minha tarefa contactar e gravar depoimentos para o noticiário seguinte, nomeadamente responsáveis dos bombeiros ou polícias. De igual modo, também fiz contactos e gravações para trabalhos que constavam da agenda.

Quando era necessário responder a situações imprevisíveis, os contactos envolviam um risco calculado: a gravação tinha de ser concretizada tão próximo quanto possível da hora do noticiário, para garantir a actualidade, mas reservando os minutos necessários para a edição do som e a escrita do texto.

Foram os prazos apertados, a produção acelerada e, literalmente, a correria dos editores para o microfone, que acabaram por me demonstrar que era verdade o que tantas vezes ouvira nas aulas, ou seja, o lado imediato, urgente e frenético do jornalismo radiofónico.

5.6 A rádio e os problemas actuais do jornalismo.

O estágio também acabou por deixar a descoberto as dificuldades que a actividade jornalística – neste caso, radiofónica – atravessa, comprovando as teorias que foram muitas vezes alvo de debate sobre a profissão, ao longo do curso de Mestrado.

Uma delas é a falta de jornalistas na redacção, que condiciona o trabalho desenvolvido na estação, como me explicou Dina Soares, jornalista da Rádio Renascença:

“ (...) podíamos ter mais jornalistas, que não temos; já tivemos. A redacção não é muito grande para todas as coisas que faz. Portanto, muitas vezes, há que gerir mais meios e

⁴⁴ As reuniões realizavam-se de segunda a sexta-feira, excluindo os sábados e os domingos.

isso de alguma forma, condiciona a cobertura que se faz dos acontecimentos; nós não temos jornalistas para ir a todo o lado, fazer tudo. Há constrangimentos de índole económica que não nos permitem, muitas vezes, deslocarmo-nos a determinados sítios, para fazer determinados acontecimentos noticiosos ou reportagens⁴⁵”.

Utilizando outras palavras, a realidade descrita pelo editor da Tarde da Rádio Renascença, José Pedro Frazão, é idêntica:

“Sucintamente, a RR trabalha para superar o enorme constrangimento financeiro no sector da comunicação social privada, que representa uma enorme ameaça à independência e à liberdade do jornalismo, sem esquecer a própria viabilidade dos postos de trabalho⁴⁶”.

A falta de recursos humanos acaba por ser duplamente prejudicial: num primeiro momento, numa vertente externa, para o jornalismo investigativo – “que é a única forma de produção original de uma notícia, a única que não subordina o repórter ao caso ou à notícia fornecida por terceiros” (Colombo: 1998, p. 12) –, visto que não há profissionais suficientes para as saídas em reportagem; e, depois, numa vertente interna, pois, em consequência de falta de meios, essencialmente financeiros, para ir aos sítios, os jornalistas ficam confinados à redacção e limitados ao computador, contribuindo para um jornalismo sedentário e de “secretária”, como também decorre dos depoimentos de Dina Soares e José Pedro Frazão.

Relativamente ao tratamento, em particular, dos assuntos religiosos, José Pedro Frazão faz questão de sublinhar que a Rádio Renascença tem uma secção que acompanha em permanência os assuntos relacionados com o catolicismo, o que ajuda a superar os constrangimentos decorrentes da insuficiência de jornalistas na redacção da emissora. Por isso, o editor da Tarde da Rádio Renascença assume a dependência da secção de Religião, para garantir uma boa cobertura dos assuntos relacionados com a Igreja Católica:

“Como editor tenho que ressaltar que a RR tem uma direcção de informação que orienta essas questões num plano editorial superior, incluindo a formação de painéis de debate sobre actualidade religiosa. Tenho que ressaltar ainda a dependência (com a necessária confiança profissional) que como editor tenho hoje em dia em relação à editoria de Religião, por manifesta falta de meios próprios, para garantir o essencial da informação de cariz religioso. Nessa medida, nos espaços mais especializados preparados pelos jornalistas com

⁴⁵ Dina Soares, em entrevista anexa a este Relatório.

⁴⁶ José Pedro Frazão, em entrevista anexa a este Relatório.

um domínio mais aprofundado da actualidade religiosa, existe certamente espaço para diferentes opiniões sobre assuntos católicos⁴⁷”.

O mesmo editor faz questão de realçar que, embora trabalhe para uma rádio assumidamente católica, a própria formatação dos noticiários leva a uma diluição do foco confessional:

“ [...]Recordo que o modelo de informação que praticamos dissemina a informação religiosa ao longo da antena sem concentrações diárias num jornal especializado. Essa estratégia, tomada há alguns anos, acaba por responsabilizar as equipas e os editores não especializados para uma atenção genérica a esta temática⁴⁸”.

Tal como afirma o autor Mauro Wolf, “[...] enquanto outrora eram os jornalistas que iam à procura das notícias, actualmente são as notícias que ‘procuram’ os jornalistas” (Wolf: 1987, p. 194), pelo que “a informação quotidiana – especialmente, a radiotelevisiva – é cada vez mais, e necessariamente, uma informação de agência” (Wolf: 1987, p. 205).

A Rádio Renascença não é excepção e, ao longo das 14 semanas de estágio, como já acima foi referido, a primeira coisa a fazer quando se iniciava o turno era ter acesso à plataforma das agências da Lusa e da Reuters, para perceber que notícias poderiam ser trabalhadas, tendo em conta a importância e o interesse para a actualidade. Noutras situações, por questões de tempo ou de alinhamento noticioso, as notícias não chegavam a ser trabalhadas, e eram dadas em “bruto”, tal como chegavam das agências.

Além das agências, há um outro instrumento – a agenda – que constribe a liberdade jornalística. As agendas de serviço “atribuem ao jornalista um papel passivo de coleccionador de factos previstos, antecipadamente aprazados” (Wolf: 1987, p. 210), mas desempenha um papel de destaque na produção de informação visto que permite “que os órgãos de comunicação social organizem com uma certa antecedência o seu próprio trabalho” (Wolf: 1987, pp. 210, 211).

Todos os dias os jornalistas da Rádio Renascença recebiam por correio electrónico a agenda da cobertura de certos acontecimentos, cabendo aos responsáveis pelos vários turnos determinar o horário da emissão e o alinhamento do resultado do trabalho. Era

⁴⁷ José Pedro Frazão, em entrevista anexa a este Relatório.

⁴⁸ José Pedro Frazão, em entrevista anexa a este Relatório.

frequente, nas reuniões de turno, e antes mesmo das propostas de temas, o editor enumerar as reportagens agendadas para emissão nos noticiários da tarde, da cobertura de qualquer evento previamente marcado.

A agenda é, portanto, “parte integrante da rotina organizada” (Wolf: 1987, p.210) da quase totalidade dos órgãos de comunicação social, o que leva a que o tratamento noticioso relativo a pessoas ou eventos se repita entre vários órgãos de comunicação social (Shoemaker & Reese: 1996, p.123) que muitas vezes se encontram fisicamente a reportar nos mesmos espaços. No entanto, o apoio entre jornalistas no trabalho que desenvolvem não pára no exterior e prolonga-se até às redacções:

“Reliance on other media is no less important when journalists aren’t in direct contact. They still rely on each other’s reporting, as an institutionalized practice, for stories, ideas and to help confirm their own judgements” (Shoemaker & Reese: 1996, p.124).

O exemplo prático mais evidente que vai ao encontro à conclusão de Shoemaker e Reese é o das chamadas “escutas” à Antena 1 e à TSF, que tinham como objectivo perceber que acontecimentos da actualidade nos poderiam ter escapado, se a concorrência teria informação exclusiva e, nesse caso, como a tinham obtido – foram em reportagem?; fizeram entrevista?; é informação dada unicamente pelo pivô?; e têm convidados em directo no estúdio?

Por outro lado, a Rádio Renascença dispõe de televisores constantemente sintonizados nos canais de informação nacionais – SIC Notícias, TVI24 e RTP3 – ou internacionais; e os jornalistas da emissora também consultam jornais – diários e semanários –, revistas e sítios *online* de meios de comunicação. O objectivo era sempre o mesmo: perceber a escolha que os outros meios faziam das notícias e o que já tinham conseguido apurar.

Conclusão.

Os três meses de estágio na Rádio Renascença permitiram uma reflexão em torno da actividade jornalística em geral e do jornalismo especializado em assuntos religiosos, nomeadamente da confissão cristã católica, para chegar a conclusões no que respeita à problemática que orientou a presente investigação.

No período entre 6 de Março e 12 de Maio, quanto aos noticiários das 18 horas, que acompanhei de perto, os valores-notícia mais recorrentes no tratamento jornalístico da informação católica são o da Importância e da Actualidade, tendo-se registado outros dois – os de Conflito e Controvérsia e de Interesse Humano – associados a um menor número de ocorrências.

Foi também possível concluir que a maior parte das notícias de assuntos católicos teve origem em Portugal, o que permite também, por critérios de valor-notícia, categorizá-las quanto à Proximidade Geográfica e também Psicológica. A este último critério, inevitavelmente, é preciso juntar o facto de a Rádio Renascença ser uma emissora católica, religião predominante na sociedade portuguesa⁴⁹.

É óbvio que a visita do Papa a Fátima para a celebração do Centenário das Aparições veio influenciar os conteúdos noticiosos e que os critérios mais frequentes se encontram directamente ligados a esse mesmo acontecimento, como se pode verificar no quadro dos temas que envolveram as 29 notícias que analisei⁵⁰.

Ainda assim, José Pedro Frazão faz questão de notar que o tratamento religioso feito pela Rádio Renascença vai além da instituição Igreja e das vozes mais importantes que ela tem, de que é exemplo a cobertura de grandes eventos como a visita do Papa a Fátima, procurando igualmente olhar para o quotidiano das pessoas comuns⁵¹.

O estudo reflectido no presente Relatório de Estágio também evidencia a dificuldade de classificar por critérios de valor-notícia certos conteúdos, por se revestirem de natureza

⁴⁹ Ver p. 32 do *corpus* do presente Relatório.

⁵⁰ Ver p.37 do *corpus* do presente Relatório.

⁵¹ Ver p.32 do *corpus* do presente Relatório.

híbrida. Basta tomar como exemplo as notícias de dia 8 e 9 de Março ou ainda os outros dias dados como exemplos⁵².

Por outro lado, o editor da Tarde da Rádio Renascença dá grande importância ao facto de a estação ter uma secção de Religião que acompanha em permanência os assuntos religiosos, e que é jornalisticamente dependente dela para a composição dos alinhamentos noticiosos, resultado da falta de meios para um trabalho mais individual⁵³.

José Pedro Frazão sublinha igualmente que a formatação do próprio noticiário vem influenciar a presença dos assuntos religiosos, ao diluir o foco confessional, levando a um tratamento mais generalizado desses mesmos assuntos⁵⁴.

De uma forma em geral, a experiência do estágio veio confirmar o que havia aprendido nas aulas do curso de Mestrado e o que afirmam os vários autores citados, em obras que constam da bibliografia anexa a este Relatório: o jornalismo continua numa luta constante pela sua liberdade e independência, valores ameaçados por constrangimentos de ordem económica, que se reflectem no tempo que se tem para tratar informação e no relevo que é dado na emissão. O imediatismo e a aposta na diversificação de conteúdos, bem como a ignorância presente no tratamento da informação religiosa, comprimem a disponibilidade para temáticas de jornalismo religioso e, além do mais, dificultam que a mundividência católica perpassasse o resto da informação; os jornalistas não têm tempo para estudar, para se informar, para se instruir, como notou António Marujo⁵⁵.

Conclui-se que a solução passará, como também defende António Marujo, por um maior entendimento entre Jornalismo e Igreja, que se deve centrar numa ajuda mútua e de compreensão entre as duas partes⁵⁶, no sentido de diminuir o impacto que a crise do jornalismo tem sobre as questões religiosas, e reconhecendo estas como partes importantes e integrantes do resto da vida social.

⁵² Ver p.40 do *corpus* do presente Relatório. Pode ainda consultar as notícias ditas "híbridas" no CD em anexo, ou ainda de forma parcial, também em anexo, nas pp. 83 – 85.

⁵³ Ver pp. 48,49 do *corpus* do presente Relatório.

⁵⁴ Ver p.49 do *corpus* do presente Relatório.

⁵⁵ Ver p.32 do *corpus* do presente Relatório.

⁵⁶ Ver p. 34 do *corpus* do presente Relatório.

Bibliografia.

- A. GAITÁN MOYA, Juan, & L.PIÑUEL RAIGADA, José (1998) *Técnicas de Investigación en Comunicación. Elaboración y registro de datos*. Madrid: Editorial Síntesis, pp. 77 – 86;
- ALBARELLO, Luc et al (1997) *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva – Publicações L^{da}, pp. 84 – 116;
- COLOMBO, Furio (1998) *Conhecer o jornalismo hoje: como se faz informação*. Lisboa: Editorial Presença, pp. 11 - 24; 112 – 119;
- CORREIA, Fernando (1997) *Os jornalistas e as notícias*. Lisboa: Editorial Caminho, pp. 125 – 166;
- CRISTO, Dina (2005) *A Rádio em Portugal e o Declínio do Regime de Salazar e Caetano (1958 – 1974)*. Coimbra: Edição MinervaCoimbra, pp. 79 – 139;
- GRUPO MARTKTEST (2017) “Bareme Rádio: Resultados da vaga de Junho de 2017” in *Grupo MARKTEST online* [Internet] Disponível em <http://www.marktest.com/wap/private/images/news2017/1052/Bareme.pdf> [Consult. 28 de Agosto 2017];
- MEDITSCH, Eduardo (1999) *A Rádio na Era da Informação*. Coimbra: Minerva, pp. 57 – 137;
- MENESES, João Paulo (2016) *Jornalismo radiofónico*. Universidade do Minho In CECS – Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, pp. 5 – 51 [Internet] Disponível em http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/article/view/2480/2393 [Consult. 19 de Outubro 2017];
- POU AMÉRIGO, Maria José (2008) "El Hecho Religiosos y su tratamiento periodístico: limitaciones y dificultades" in *Estudios sobre el Mensaje Periodístico* (14), pp. 561-573. [Internet] Disponível em http://pendientedemigracion.ucm.es/info/emp/Numer_14/Sum/4-17.pdf [Consult. 30 de Novembro 2016];

- RENASCENÇA COM PROGRAMAÇÃO ESPECIAL DE PÁSCOA (2017) in *Rádio Renascença online* [Internet] Disponível em http://rr.sapo.pt/noticia/81111/renascenca_com_programacao_especial_de_pascoa [Consult. 25 de Outubro 2017];
- RFM LÍDER GERAL, RENASCENÇA DOMINA ENTRE RÁDIOS INFORMATIVAS (2017) in *Rádio Renascença online* [Internet] Disponível em http://rr.sapo.pt/noticia/89083/rfm_lider_geral_renascenca_domina_entre_radios_informativas [Consult. 24 de Outubro 2017];
- RIBEIRO, Nelson (2002) *A Rádio Renascença e o 25 de Abril*. Lisboa. Universidade Católica Editora, pp. 17 – 126;
- ROCHA, Inês & CUNHA, Maria João (2017) “Renascença. A história de 80 anos de rádio.” in *Rádio Renascença online* [Internet] Disponível em: http://rr.sapo.pt/especial/80687/renascenca_a_historia_de_80_anos_de_radio [Consult. 20 de Julho 2017];
- SÁ-SILVA, J. R., ALMEIDA, C. D., & GUINDANI, J. F (2009). “Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas” in *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais* (1) Julho [Internet] Disponível em <https://www.rbhcs.com/rbhcs/article/view/6/pdf> [Consult. 26 de Setembro 2017];
- SILVA, Augusto Santos & PINTO José Madureira (1986) *Metodologias das Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento, pp. 101 – 126;
- SHOEMAKER, Pamela J. & REESE, Stephen D. (1996) *Mediating the Message: Theories of Influences on Mass Media Content*. Nova Iorque: Longman Publishers, pp. 105 – 137;
- TRANSPARÊNCIA (s.d) in *Rádio Renascença online* [Internet] Disponível em <http://rr.sapo.pt/transparencia> [Consult. 25 de Outubro 2017];
- TRAQUINA, Nelson (2001) *O estudo do jornalismo no século XX*. São Leopoldo: Editora Unisinos, pp. 51 – 126;

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE LISBOA (2011) *Identidades Religiosas em Portugal: Representações, Valores e Práticas – 2011*, pp. 1 – 21 [Internet] Disponível em http://www.esb.ucp.pt/sites/default/files/images/inquerito_2011_resumo.pdf [Consult. 23 de Outubro 2017];

WOLF, Mauro (1987) *Teorias da Comunicação*. Lisboa: Editorial Presença, pp. 157 – 221.